# Jornalistas & Cia

Edição 1.342A - 24 de janeiro de 2022

## SAMSUNG







ornalistas&Cia e Portal dos Jornalistas encontraram um jeito diferente de homenagear São Paulo neste seu aniversário de 468 anos: em prosa, verso e música. E o autor

São Paulo 468 anos de transpiração e inspiração seus costumes, seus bairros, suas mazelas, e catalogou nada menos do que 3 mil delas, compostas por centenas de artistas. Tem compartilhado esse estudo e esse conteúdo em exposições,

da façanha é o jornalista, escritor, cordelista, letrista e estudioso da cultura popular brasileira **Assis Ângelo**, dono de um acervo que contabiliza mais de 210 mil itens, entre discos (dos mais antigos 78 rpm aos CDs, passando pelos de vinil), partituras, livros, esculturas, pinturas, cordéis e tudo o que se pode imaginar de manifestações culturais produzidas no País.

Assis estudou por quase três décadas as canções que de algum modo exaltam São Paulo, sua gente,

instalações culturais, palestras, entrevistas e resolveu agora compartilhá-lo neste Jornalistas&Cia e no Portal dos Jornalistas, presenteando os leitores com um pouco dessa singela jornada, em que mostra como a música, a poesia e a literatura, de um modo geral, fazem um bem danado para a cidade e sua gente.

Neste especial, além de contar um pouco dessa jornada, Assis nos brinda com trechos de gravações de históricas entrevistas que fez ao longo de quase 50

anos de carreira, com alguns dos mais ilustres nomes da cultura popular brasileira, gente que já se foi, como Nelson Gonçalves, Paulo Vanzolini, Silvio Caldas e Zica Bérgami, entre outros, e outros que aqui ainda estão. Esses aceitaram o convite de mostrar o amor e o carinho que têm pela cidade, que ao longo de seus 468 anos, tem conseguido harmonizar as mazelas de uma sociedade desigual com a esperança de um mundo melhor, impedindo que o concreto, o asfalto, a miséria, a violência, as doenças infectem o espírito dos milhões que aqui vivem e que encontram na cultura e na arte



um fio de esperança para apaziguar as tensões e os problemas do dia a dia e para elevar a alma e enlevar a mente, na busca de uma vida plena, melhor, mais doce e suave. A edição traz ainda a transcrição da entrevista que ele fez em novembro de 1980 com Adoniran Barbosa, ícone maior da música paulistana.

Só que Assis, com a autoridade de quem estuda há décadas, com afinco, a cultura popular, tendo São Paulo como seu grande farol, revela: "A cidade de São Paulo não tem um hino oficial. É a única das grandes capitais brasileiras que não tem seu hino. E quero aqui fazer uma conclamação, um desafio: que a Prefeitura e a Câmara Municipal se unam para dar à cidade o hino que ela tanto merece. Seja via concurso público ou mesmo eleição das canções que ganharam os corações e as mentes dos paulistanos".

Desafio feito, deixamos agora nossos leitores com esse especial histórico, que mostra São Paulo em prosa, verso e música.

Boa leitura!!



# Feliz Aniversário, São Paulo.

Temos muito orgulho de fazer parte desta história!







**SAMSUNG** 









A maior e mais importante cidade do Brasil e da América do Sul ainda não tem hino oficial

Mais de 7.500 compositores de várias partes do Brasil, e até do estrangeiro não ficaram indiferentes ao que viram e sentiram sobre a capital paulista. Dos mais famosos, por exemplo, Carlos Gomes, Chiquinha Gonzaga, Cornélio Pires, Ary Barroso, Tom Jobim, João de Barro (Braguinha), Taiguara, Rita Lee, Chico, Gil e Caetano, Luiz Gonzaga, Billy Blanco (autor da *Sinfonia Paulistana* – 1978), Tião Carreiro, Raul Torres, Teixeirinha, Eduardo Gudin, Carlinhos Vergueiro, Geraldo Filme, Jarbas Mariz e uma citação especial a Elza Soares, que cantou a cidade em várias cancões.

Por **Assis Ângelo** 

Certa vez, ali pelos fins dos 1980 e 1990, brincando o rei da embolada <u>Manezinho Araújo</u> soltou para mim uma quadra singular: *São Paulo é* Paulo/De São Paulo eu vim de lá/Quem não gosta de São Paulo/Do que é que vai gostar?.

Lembrando isso, desse encontro com Mané na casa dele, contei ao maestro e ao professor de música da Universidade da Paraíba Jorge Ribbas e ele, de bate-pronto, tomou o mote em desafio e desenvolveu a embolada que abre este texto.

SÃO PAULO É PAULO, DE SÃO PAULO EU VIM DE LÁ QUEM NÃO GOSTA DE SÃO PAULO, DO QUE É QUE VAI GOSTAR?

NO UNIVERSO TEM ESTRELA, TEM PLANETA NÃO ME VENHA DE VENETA PROCURAR QUALQUER LUGAR

PRECISA MESMO ACHAR O SEU PARAÍSO DE TUDO QUE FOR PRECISO VOCÊ PODE DESFRUTAR

SÃO PAULO É PAULO, DE SÃO PAULO EU VIM DE LÁ QUEM NÃO GOSTA DE SÃO PAULO, DO QUE É QUE VAI GOSTAR?

NESSA CIDADE TODO MUNDO SE REÚNE TANTAS SÃO AS COMPETÊNCIAS QUE VOCÊ VAI ENCONTRAR EU DESAFIO, MEU AMIGO, MINHA AMIGA ENCONTRAR OUTRA CIDADE MAIS GOSTOSA DE MORAR

SÃO PAULO É PAULO, DE SÃO PAULO EU VIM DE LÁ QUEM NÃO GOSTA DE SÃO PAULO, DO QUE É QUE VAI GOSTAR?

LÁ TEM POETA, CANTADOR E SERESTEIRO TEM SAMBISTA, JORNALISTA, TODO TIPO DE LIDAR TODA CIÊNCIA TRADUZ A MALEMOLÊNCIA PAULISTA OU SÃO PAULISTANO - NORTISTA, DO ESTRANGEIRO,

PODE VIR DE OUTRO PLANETA - QUE SE ENGRAÇA DO LUGAR

SÃO PAULO É PAULO, DE SÃO PAULO EU VIM DE LÁ QUEM NÃO GOSTA DE SÃO PAULO, DO QUE É QUE VAI GOSTAR?

São Paulo é Paulo - Autores: Manezinho Araújo e Jorge Ribbas



### CAPITAL DA GASTRONOMIA.

Lar do melhor lanche de mortadela do país.

O brf\_global





mas também se destaca pelos sofisticados restaurantes contemporâneos com requintadas experiências gastronômicas.

Temos orgulho de fazer parte da sua cultura e crescimento, levando alimentos saborosos e de qualidade que suprem milhares de restaurantes e que promovem uma vida melhor para milhares de turistas e paulistanos.











# Jornalistas & Cia Edição 1.342A **SAMSUNG**







### São Paulo em prosa, verso e música

A história é antiga: na manhã do domingo de 25 de janeiro de 1554, por determinação do jesuíta Manuel de Nóbrega (1517-1570), era celebrada a primeira missa em solo paulistano. O celebrante foi o padre Manoel Paiva e o ajudante, José de Anchieta. Estava, pois, com a missa, inaugurada a Vila de Piratininga.

Por um desses acasos, o 25 de janeiro foi o dia escolhido pela Igreja para homenagear Paulo de Tarso, que virou santo com o nome de São Paulo. Esse Paulo, também chamado de Saulo, foi um





histórico perseguidor de cristãos convertido ao cristinanismo após uma visão que o teria levado à cequeira momentânea, em Damasco. Mas essa é outra história.

A cidade de São Paulo, capital do Estado de São Paulo, é hoje a guarta maior do mundo. A sua população gira em torno de 15 milhões de habitantes.

Todas as capitais do Brasil têm bandeiras, brasão de armas e hinos oficiais.

São Paulo não tem hino. O Estado tem e é de autoria do poeta campinense Guilherme de Almeida (1890-1969).

Muita água passou por debaixo da ponte, ou das pontes, desde então.

São milhares e milhares de logradouros. Mais de 50 mil entre travessas, ruas, avenidas e viadutos.

Dividida em cinco regiões, São Paulo tem no seu território 96 bairros. O mais populoso, o Grajaú, na zona sul, com cerca de 500 mil habitantes. O menos populoso também fica nessa região, Marsilac, com aproximadamente 8 mil moradores.

Há muitas curiosidades em torno da capital paulista.

O bairro da Liberdade, fundado em 1905, era conhecido como o bairro dos escravos. Foi nesse bairro que nasceu a primeira escola de samba: Lavapés, em 1937, em plena ditadura Vargas.

À medida que a cidade ia crescendo, iam também surgindo jornais e revistas. E muitos livros contando a sua história.

Em 1954, ano do Quarto Centenário da cidade, o jornalista e escritor Afonso Schmidt (1890-1964) publicava o livro São Paulo de Meus Amores, em que diz:

Certo dia, chegou-me aos ouvidos aquela proposta: trabalhar num matutino, ganhando 450\$000 mensais. E, na manhã de 5 de julho de 1924, ao acordar-me, comuniquei aos meus botões:

- Hoje, sim, vou mudar de vida!

E mudei sim, mas antes não mudasse. Quando chequei à Praça Antônio Prado, notei um dizque-diz-que, um corre-corre. Logo depois, a cidade estava revolucionada. Pipocar de tiros no bairro da Luz, troar de canhões no bairro de Pinheiros. Boatos e mais boatos. Sustos e correrias. Um pandemônio.

Hoje lembro, com saudade, aqueles primeiros anos da Folha da Noite...

(ver íntegra em Aquela redação, na pág. 13)

Schmidt fazia referência à Revolução de 1924, que durou menos de um mês.

Em 1957, o escritor e advogado Jorge Americano (1891-1969) publicava o livro São Paulo Naguele Tempo. Nesse livro, uma reunião de crônicas, pode-se ler sobre as enchentes ocorridas na cidade desde o começo de 1900:



# PARABÉNS, SÃO PAULO, PELOS SEUS 468 ANOS! CAPITAL MUNDIAL DA VACINA!

É, São Paulo, foi uma Barra Funda. Encaramos um Bom Retiro, sem Consolação. Mas essa cidade tem alma Augusta. E, onde tem Ciência, tem Luz. Tem Saúde, Trabalho e Liberdade. E, com nossa vacinação, tem Boa Esperança! Já vacinamos 100% dos adultos com duas doses. Porque São Paulo não é São Paulo sem Paulista! Sem Freguesia, Comércio, Quitanda, Pátio do Colégio. A gente merece Brigadeiro, Bixiga... Mas é preciso manter os cuidados e continuar a usar máscara sempre! E lembre-se: maiores de 18 anos devem tomar a dose adicional após 4 meses da segunda dose, crianças de 5 a 11 anos também já podem ser vacinadas e, jovens de 12 a 17 anos, não se esqueçam de tomar a segunda dose.







vivo \* Jornalistas & Cia Edição 1.342A

XP inc.





### **SAMSUNG**



### São Paulo em prosa, verso e música

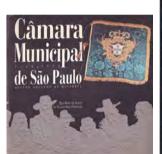
Chovia desesperadamente desde outubro. Quando as crianças chegavam da escola tiveram os sapatos e as meias encharcadas, faziam-lhes fricções nos pés com toalhas felpudas e calçavam outras meias e sapatos. Enchiam-nos os sapatos molhados com pedaços de jornal.

(ver íntegra em As enchentes (1902 ?), na pág.14)

Há muitos livros cuja leitura é indispensável à compreensão do surgimento e crescimento de São Paulo. Recomendados: A Revolução de 32, de

Hernâni Donato; Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932, de

Euclydes Figueiredo; Dicionário de História de São Paulo, de Antonio Barreto de Amaral: Saudades de São Paulo, de Lévi-Strauss: e Câmara Municipal de São

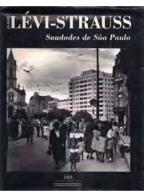


Paulo, de Délio Freire dos Santos e José Eduardo Ramos Rodrigues.

As discrepâncias, contradições, atrasos, progressos e importância de São Paulo não poderiam deixar de ser também contadas em composições musicais.

É uma história longa.

Tudo começou quando fui convidado por Wladimir Araújo, editor do extinto D.O. Leitura, para escrever uma reportagem sobre a música feita em homenagem à cidade de São Paulo.







O D.O. Leitura era uma publicação de estudos brasileiros de circulação mensal, bancada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

É bom que se diga que até então, e falamos de 1990, nada havia sido escrito a respeito.

Na primeira incursão ao passado musical de São Paulo levantei cerca de 200 títulos, entre os quais o samba-canção Ronda, de Paulo Vanzolini, que meio mundo conhece de cor e salteado, e que foi originalmente gravado e lançado em disco pela cantora paulistana Inezita Barroso (1925-2013), em 1953. Procurei mais e achei um LP dos fins de 1960, no qual o seresteiro Sílvio Caldas cantava com sua voz macia pérolas do grande Lauro Miller. Na contracapa, um texto de Guilherme de Almeida, O Príncipe dos Poetas, O Poeta de 32 como era chamado, dava ao disco um valor especial. E não custa lembrar que, anos antes, o mesmo Silvio ganhara em concurso musical, promovido pela Excelsior, hoje CBN, para escolher um hino ao Quarto Centenário. Ganhou com Perfil de São

Paulo, do juiz e boêmio barretense Francisco de Assis Bezerra de Menezes (1915-1995).

Ainda durante a pesquisa, deparei-me com a canção São São Paulo, de Tom Zé, vencedora do IV Festival da Música Popular, promovido pela Record, cujo prêmio em dinheiro – a título de curiosidade – ele jamais recebeu.





# Jornalistas & Cia Edição 1.342A **SAMSUNG**







#### São Paulo em prosa, verso e música

Mais à frente encontrei Sampa. Pronto, não demorou e fechei as duas páginas para que fui desafiado a preencher.

Depois disso, achei partituras e notas em periódicos já extintos.

O Correio Paulistano, por exemplo, edição de 6 de agosto de 1862, noticiou a existência de um álbum intitulado Melodias Paulistanas, formado por 12 peças para canto e piano, do padre Mamede José Gomes da Silva, diretor do Liceu Paulistano e amigo de Antônio Carlos Gomes, autor de um hino aos estudantes de Direito do Largo de São Francisco: À Mocidade Acadêmica, em parceria com o poeta Bittencourt Sampaio. A propósito, não custa acrescentar, que o referido Bittencourt também foi o autor da letra da melodia de Gomes, intitulada Quem sabe

Mas, antes de Mamede e Carlos Gomes, houve quem louvasse a inspiradora cidade: os religiosos Calixto e Anchieta Arzão, em Missa a São Paulo, de 1750

recebendo a atenção de muitos compositores.

O Brás e a Mooca são os bairros mais cantados.

Na letra do Hino Nacional há referência ao riacho do Ipiranga, que mais tarde daria nome ao bairro - lembro isso apenas como curiosidade. Mas há muitas outras curiosidades no repertório musical referente à capital dos paulistas, como o título São Paulo repetido 45 vezes e outro, 13: São Paulo Antigo. O Corinthians é o time mais cantado da cidade: mais de 100 vezes.

O compositor mais frequente é o baiano Tom Zé, com mais de 30 músicas. E o segundo, o paulista de Valinhos Adoniran Barbosa, com 22.

Adoniran é o mais rapidamente reconhecido autor de músicas de São Paulo. Entre os títulos que deixou estão Saudosa Maloca, Samba do Bixiga, Trem das Onze, Praça da Sé, Iracema e Tiro ao Álvaro, que a cantora gaúcha Elis Regina gravou em 1978.

E é claro que há muitos grupos musicais que cantam São Paulo. O mais antigo deles é Demônios da Garoa.

Em 1823, o músico Bento Maurício Arcade compôs Águas do Anhembi.

Hoje constato o crescimento espantoso do meu acervo pessoal no tocante a músicas que tratam especialmente da capital paulista: mais de três mil títulos, já catalogados em ordem alfabética por autor, intérprete e data. E em todos os ritmos, do samba ao xote, forró, tango, canção, valsa, marcha, dobrado, rap e até poemas sinfônicos.

Ruas, avenidas e viadutos receberam e continuam



Foi o Demônios que lançou Saudosa Maloca, por exemplo.

Não custa lembrar que o grupo Demônios da Garoa é o mais antigo em atividade ininterrupta no mundo. Essa façanha está registrada no Guinness Book. E, curiosidade por curiosidade – e isso poucos sabem –, o Demônios tem LPs lançados em Argentina, Uruguai e França. Esses discos, hoje raríssimos e jamais lançados no Brasil, estão nas prateleiras do meu acervo.

Até na onda da Bossa Nova o Demônios da Garoa entrou. E no programa Tão Brasil, que apresentei na allTV, o grupo não se fez de rogado e mandou ver no ritmo da Bossa de Tom e João Gilberto.

Na verdade, poucos são os autores brasileiros de sucesso que não compuseram sobre São Paulo.







# Jornalistas & Cia Edição 1.342A **SAMSUNG**







#### São Paulo em prosa, verso e música

Destaco nesse trabalho de pesquisa, que durou mais de 20 anos, os nomes do já citado Carlos Gomes, além de Chiquinha Gonzaga (a primeira a fazer uso da palavra baião em composição musical), Giuseppe Rielli, Ary Barroso, Lamartine Babo, Luiz Gonzaga, Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Germano Mathias, Rita Lee, Téo Azevedo, Rolando Boldrin, Mário Zan (autor do dobrado Quarto Centenário), Braquinha, Garoto (que participou da Revolução Constitucionalista de 32) e até Francisco Alves, que gravou a pérola São Paulo Coração do Brasil.

O alagoano Hermeto Pascoal não gravou, mas compôs a curiosíssima Morumbilândia. Inédita, portanto.

Uma vez lembrei a Dominguinhos o fato de ele nunca ter feito uma música sobre São Paulo. Riu e musicou versos do jornalista paulista Elias Raide, que renderam a rancheira A Moça do Metrô, única no gênero na discografia dele. Fiz a mesma observação a Geraldo Vandré, que me respondeu displicentemente: "É mesmo...", e logo escreveu um poema que, um dia, poderá virar música. Esse poema ele declamou em público no dia 24 de março de 2014, no Teatro Bradesco, São Paulo

Sem dúvida, o tema é bom e certamente ainda

Música:Hermeto Pascoal/ & BIN METERSE ~ (大河) 前河河 JAP JOS LEW JAP COLLEGE TO THE THE PERIOD OF THE PERIOD O ित्रिक्षा सम्मित्री स्पर्ध Company of the contract of THE THE WITH THE

Morumbilândia, de Hermeto

resultará em muita música. E digo sem medo de errar: São Paulo é a cidade mais cantada em verso e prosa no mundo. E para chegar a essa conclusão nem fui muito longe. Fui à zona leste, berço de Alberto Marino, violinista que aos 15 anos compôs a primeira música dedicada a um bairro da cidade, o Brás

Enquanto a Primeira Grande Guerra assustava o mundo, Marino encantava o Brasil com a valsachoro Rapaziada do Braz, que anos depois receberia

letra do filho, Alberto Marino Jr., a pedido do cantor argentino naturalizado Carlos Galhardo. Essa história, que ele mesmo me contou, eu inseri num CD intitulado São Paulo Esquina do Mundo, encartado no livro São Paulo Minha Cidade.

São Paulo Minha Cidade, que reúne mais de 1.000





depoimentos de 300 e poucos moradores de Sampa, foi lançado na noite de 2 de abril de 2008, na Sala São Paulo, e distribuído gratuitamente ao público que assistiu ao concerto. O lançamento contou com um espetáculo estrelado por Billy Blanco, Cláudia e Pery Ribeiro. Com orquestra e apresentação do jornalista Chico Pinheiro e da atriz Bruna Lombardi.

No referido CD incluí também outros depoimentos igualmente históricos, como o de Paulo Vanzolini.

Paulo revela, pela primeira vez, o fato curioso de nunca nenhum intérprete ter gravado Ronda corretamente. Ele conta isso enquanto a cantora Ana Bernardo põe os pontos nos is, cantando, junto com

GBR

ALGUMA COISA ACONTECE: COMUNICAÇÃO Parabéns, Sampa!



vivo \* Jornalistas & Cia Edição 1.342A

XP inc.





## **SAMSUNG**



### São Paulo em prosa, verso e música

o próprio Paulo, que, apaixonado, ainda declara seu amor à cidade, no poema inédito São Paulo.

Zica Bérgami, autora de Lampião de Gás, disse-me uma vez que estava decepcionada, saudosa, com o progresso que tomou conta da cidade. Aproveitou para mostrar uma versão musical que fez como contraponto à sua valsinha famosa, lançada em disco de 78 rpm por <u>Inezita</u> Barroso, em 1958. E que ganharia versão até em japonês, que tenho em meu acervo (www. institutomemoriabrasil.com.br).

Mesmo com suas contradições e dificuldades de todos os tipos, São Paulo continua representando grande esperança para todos que nela vivem. E isso é fácil de entender, pois é uma cidade grande e rica, terrivelmente bela e desafiadora, ao mesmo tempo carinhosa e violenta, ou seja, o exato contraponto de tudo, a interseção do simples e o inusitado convivendo dia a dia e lado a lado em absoluta harmonia – ou desarmonia, dependendo naturalmente do ângulo que se queira focar.

Estimativas indicam que há pelo menos três milhões de nordestinos e descendentes vivendo nessa cidade.

"Mas se o nordestino, coitado, pudesse, não estaria aqui", aposta Sebastião Marinho, presidente



da União dos Cantadores, Repentistas e Apologistas do Nordeste (Ucran), um dos muitos moradores de São Paulo que, certo dia, nos anos 1960, viu-se forçado pelas circunstâncias da vida a trocar a sua pequena Solânea, no sertão paraibano, pela cidade grande, no caso, São Paulo. "Bom seria se houvesse condições de cada brasileiro poder desenvolver-se em seu torrão-natal", sonha Marinho, concluindo, com expressão desolada: "Mas a vida é assim mesmo, e os políticos não estão nem aí com a situação de penúria que vive o Nordeste".

Os políticos, na verdade, demonstram algum interesse pela situação de profunda carência de quem vive nos cafundós do Nordeste apenas durante os períodos eleitorais. E não poderia ser diferente, já que a região, formada por nove estados (Paraíba, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Bahia), é a segunda maior em peso eleitoral (27,01% do eleitorado brasileiro) entre as outras quatro regiões do País, perdendo em número de votos válidos só para o Sudeste, que detém nada mais nada menos que 47 milhões de

eleitores, isto é, 42,99% do total, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral, em dados de 2020.

Dos nordestinos e descendentes que vivem em São Paulo, pelo menos um terço está habilitado a votar, mas nem sempre vota nos candidatos conterrâneos. Esquisito? Não para o jornalista José Nêumanne, para quem esse é um detalhe plenamente explicável. Para ele, o nordestino em São Paulo consegue exercer a cidadania na sua plenitude, quebrando o cabresto e se sentindo gente e não objeto de uso puro e simples dos coronéis. Em outras palavras: liberto das amarras invisíveis do coronelismo, os nordestinos na cidade grande consideram-se libertos para votar em quem acham que têm de votar, sem ordem ou recomendação de quem quer que seja. Ainda Nêumanne:

"Em São Paulo, o nordestino abandona a relação de servidão e torna-se cidadão", quase num passe de mágica. E completa:

"Sim, construímos essa cidade e nela temos presença forte e permanente, por isso sinto-me profundamente orgulhoso de viver aqui".











#### São Paulo em prosa, verso e música

Também orgulhoso de viver em São Paulo está hoje o cantor e compositor baiano Tom Zé, que há mais 50 anos deixou a cidade em que nasceu, Irará, disposto a vencer através da música. E o campo de batalha para ele, no caso, foi São Paulo. A primeira relação foi de amor e ódio e o primeiro fruto, a canção São São Paulo, que diz:

São oito milhões de habitantes De cada canto e nação Que se agridem cortesmente Correndo a todo vapor E amando com todo ódio Se odeiam com todo amor...

Tom Zé resume:

"O Nordeste é um país onde prevalece o verso. Na sua forma falada, como no Gênese. Lá, a palavra falada é o principal valor circulante. É a filosofia, a metafísica, é a história. Portanto, na atual



falência do dicionário, considerando que lá não circulam normalmente nem dinheiro nem alimento, o nordestino vê sua principal moeda corroída".

E. na falta de moeda, decorrente da escassez do trabalho remunerado, o nordestino termina agarrando-se ao sonho de prosperidade vivendo em São Paulo.

O cearense Expedito Jorge Leite, de Jati, divisa com Pernambuco, afirma que "São Paulo só conseguiu ser hoje o que é por causa da mão de obra barata do cidadão nordestino". Leite é dono da Ibrasa, uma das maiores editoras do País, Ele destaca uma qualidade incomum da cidade:

"São Paulo assusta e encanta, antes de tudo. Em São Paulo o que admira é a impessoalidade, a incógnita, o que faz com que todos se tornem iguais. Ao mesmo tempo que acolhe, São Paulo liquida, isto é, ao mesmo tempo que afaga, mata. Mas nessa cidade fantástica há vez até para malandro".

O paraibano Roberto Luna, de batismo Valdemar Farias, concorda com tudo isso e diz rindo: "São

Paulo, pra mim, pessoalmente, sempre foi um desafio maravilhoso. Aqui construí a minha carreira. Agui virei empresário da noite. Agui tive muitas alegrias".

Luna, nascido em Serraria, deixou a Paraíba ainda garoto. Tinha uns 16 anos guando aportou no Rio de Janeiro. Fez trabalhos gerais, mas o seu sonho era ser artista de fama. Um grande cantor. Estudou teatro com Ziembinsky (1908-1978) e fez amizade com o compositor baiano Assis Valente (1911-1958), que o apresentou ao jornalista e diretor de teatro e cinema português Chianca Garcia (1898-1983). Queria apresentar-se cantando no teatro de revista, dirigido por Garcia. Mas não deu. E lá foi ele atrás do seu sonho, cantando onde era possível cantar, até que conseguiu gravar o primeiro disco de 78 rpm, que trazia de um lado o bolero Por quanto tempo e do outro, o samba-canção Linda.

Àquela altura o jovem paraibano já ganhara o nome artístico de Roberto Luna, dado por um locutor da Rádio Nacional, chamado Afrânio Rodrigues. Não demorou, conheceu o empresário



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 12

**SAMSUNG** 







#### São Paulo em prosa, verso e música



de rádio e TV Victor Costa (1907-1959), que o despachou para São Paulo. E em São Paulo, já no Quarto Centenário da cidade (1954), fez a festa e a carreira. E onde está até hoje, com seus 93 de idade.

No aniversário de 450 anos de fundação da cidade paulistana, o compositor, cantor e violeiro mineiro Téo Azevedo produziu um CD reunindo alguns dos grandes intérpretes da música brasileira. E lá estava, na faixa 13 ou 14, Luna cantando *Bar da Tradição*. Sobre São Paulo, claro.

Uma curiosidade: um dia seu amigo Nelson Gonçalves o incumbiu de zelar (tomar conta) por uma namorada. Nelson fez isso porque fora fazer shows no Rio. Deu zebra, se desentenderam. E tiros deixaram marcas na parede e na memória de Luna: "Coisas de jovens", diz.

O radialista pernambucano Luiz Wilson, no ar há 15 anos na Rádio Imprensa, também acha graça na graça de Luna, e conta: "Nada aconteceu comigo nesse sentido, mas Luna é um mestre incrível. O que ele diz, com a sua voz leve e de pluma, é sempre maravilhoso".

Wilson tem pelo menos quatro músicas que falam da cidade de São Paulo.

Victor Costa, paulista, foi o cara que criou a Rádio Nacional de São Paulo, em 1953.

Entre as várias empresas de comunicação dele, estava a Rádio Excelsior, criada em 1934.

O empresário Roberto Marinho compraria a Excelsior em 1964. Costa já havia morrido. Foi lá que surgiu, anos depois, em 1991, a Rádio CBN. A história é longa...

Detalhe: Victor Costa foi tão importante para o rádio e a televisão brasileiros como foi o paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello

(1892-1968), o Chatô, que trouxe para o Brasil a TV que conhecemos hoje. Isso, em setembro de 1950.

São Paulo é uma porteira sempre aberta a quem deseja procurar caminhos e alimentar esperança. Foi isso o que fez o pernambucano Edenaldo Freire.

Freire está em São Paulo desde o começo dos



anos 1950. Aos 73 anos, transformou-se num dos mais talentosos e requisitados diretores de teatro do Brasil. "Eu amo São Paulo", diz.

A propósito, em 1954, o gaúcho de Santana do Livramento Nelson Gonçalves compôs e gravou o belo samba *Por que amo São Paulo*.

Como Nelson, Teixeirinha não ficou indiferente ao Quarto Centenário de fundação de Sampa. E compôs e gravou a toada *São Paulo*.

Eu, da minha parte, aproveito para sugerir que se faça um concurso com o objetivo de escolher o hino que falta à cidade de São Paulo. Aproveito também para sugerir que se crie o Museu da Música Paulistana. E de tabela, que se escreva um dicionário com verbetes das músicas, e autores, referentes à cidade fundada pelos jesuítas Nóbrega e Anchieta.

Ah, sim, ia me esquecendo: nos anos de 2001 e 2003 criei um concurso para revelar cordelistas novos e reafirmar cordelistas velhos no panorama da poesia popular com o concurso de literatura de



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 13









#### São Paulo em prosa, verso e música

cordel. O primeiro foi em 2001 e o segundo, em 2003. Esses dois concursos resultaram em 410 mil folhetos de cordel que distribuí na rede pública de ensino do Estado de São Paulo.

Quero aproveitar a ocasião para dizer que São Paulo representa para ricos e pobres, brasileiros e estrangeiros, uma espécie de Canaã, entendem? Antes, pela voz do multiinstrumentista Jarbas Mariz, mostro porque São Paulo é São Paulo, inclusive no samba. <u>Ouça!</u>

E pela voz do cantor Costa Senna ouça o xote que fiz com Enok Virgulino: <u>Romance no Metrô</u>.

E fiz também um poema que intitulei de *Declaração de Amor a São Paulo*. O acompanhamento musical é de Osvaldinho da Cuíca. <u>Aqui você pode ouvir</u>.

#### Aquela redação...

(Extraído do livro São Paulo de meus amores, de Afonso Schmidt [1954])

O aniversário da "Folha da Noite" faz-me lembrar muita coisa, pois tive o prazer de trabalhar com Olival Costa, Mariano Costa, Pedro Cunha e Antônio dos Santos Figueiredo. Isso foi no fim de 1922, se a memória não falha.

A redação ainda estava instalada nos altos do Teatro Boa-Vista, à rua do mesmo nome, esquina da Ladeira Porto Geral. No rés-do-chão, havia uma casa de máquinas suíças. Dínamos e motores de diversos tipos estavam sempre expostos no salão aberto; quem passava na rua podia tocar-lhes com a mão.

Entrávamos no jornal pela porta do teatro. Transpúnhamos um corredor enfeitado de quadros, cartazes e anúncios das peças em cena, ou prometidas para breve. Ao lado da bilheteria, gaiola de arame com guichê, embocávamos por uma escada escura, íamos desembocar no corredor de cima, ladeado de escritórios. Depois, caminhávamos para o lado da Rua Boa-Vista e virávamos à direita. Ali, o jornal mantinha duas salas: a da ge-

rência, com a sua meia-porta envernizada, e a da redação, sempre escancarada e acolhedora.

No fundo, à direita, diante de uma mesa grande, atulhada de papéis, sentava Olival Costa. Ele andava sempre de preto e já tinha cabelos

grisalhos. Era de alegria comunicativa. Gabava-se de cultivar os maus trocadilhos, porque os bons, geralmente, não tinham graça nenhuma. As outras mesas da redação eram menores, de desenho estranho, com suas pernas abertas, escarranchadas...

Olival Costa admitia na redação todo bicho-careta que guisesse trabalhar. Poucos ficavam, muitos desistiam. Havia excesso de redatores. Por isso, sentavam dois ou mais em cada mesa. Ainda lembro de alguns deles: Taciano de Oliveira e Miranda Rosa, na parte esportiva. Correia Júnior, na Sociedade. Aristides Ávila redigia serenos comentários. Paulo Gonçalves que, escrevendo a parte artística, vivia cercado de poetas, pintores e comediantes. Lá iam com frequência Moacir Pisa, Silvio Floreal, Cleomenes Campos, Alberto Seabra, Belmonte, Cucê, Bernardino Pereira, Gino Bruno, Manzo, tantos outros. Foi lá que conheci Olegário Mariano, numa de suas viagens a São Paulo. E Benjamim Costallat. Gastão Barroso fazia a secção teatral. Eurico Branco Ribeiro, então estudante, especializara-se em reportagens sensacionais. E Filemon Assunção, Sabóia, João Silva, Carlos Monteiro Brisola, Luís Pisa Sobrinho. Mas ainda havia outros, muitos outros, de quem neste momento não consigo lembrar nomes.

Antônio dos Santos Figueiredo escrevia a abertura de futebol – uma nota que fez época – e os sueltos políticos, muito em moda na nossa imprensa. Pedro Cunha era o homem dos sete instrumentos: desunhava artigos, desempenhava funções de gerente e, na rua, dava pulos para alcançar uma publicidade que – naquele tempo – podia ser chamada de arisca.

Eu estava num canto, perto da janela, por

causa da claridade. Fazia alguma coisa: reportagens, artiguetes assinados etc. Mas o forte era a secção de queixas. Como o jornal ainda estivesse nos cueiros, com escassa circulação (escassa, porém, deveria duplicar de ano para ano), eu mesmo, para manter aquela coluna das lamentações, arredava cartas de leitores, protestando contra isto ou aquilo. Então, eu arregaçava a manga e entrava pela política, pela questão social, pela literatura...

Lembro-me de que certo troglodita manifestou desagrado por essa secção do jornal:

– Vocês já repararam que só gente suspeita escreve para a coluna de queixas? Essa secção está-se tornando perniciosa!

Mas, apesar de tudo, foi naquela "Folha da Noite", de 1922 a 1924, cujo cabeçalho ainda se apresentava em caracteres manuscritos, que eu me fiz notado em outras redações da Capital. Certo dia, chegou-me aos ouvidos aquela proposta: trabalhar num matutino, ganhando 450\$000 mensais. E, na manhã de 5 de julho de 1924, ao acordar-me, comuniquei aos meus botões:

- Hoje, sim, vou mudar de vida!

E mudei sim, mas antes não mudasse. Quando cheguei à Praça Antônio Prado, notei um diz-que-diz-que, um corre-corre. Logo depois, a cidade estava revolucionada. Pipocar de tiros no bairro da Luz, troar de canhões no bairro de Pinheiros. Boatos e mais boatos. Sustos e correrias. Um pandemônio.

Hoje lembro, com saudade, aqueles primeiros anos da "Folha da Noite". Foi uma aventura, uma façanha esportiva em que, de alto a baixo, todos deram, alegremente, o melhor do seu esforço. Bons tempos aqueles! Ganhava-se pouco mas, em compensação, trabalhava-se prá-xuxu.







**SAMSUNG** 





lorge Americano

SAO PAULO

NAOVELE TEMPO

1895-1915



São Paulo em prosa, verso e música

#### As enchentes (1902?)

(Extraído do livro São Paulo naquele tempo - 1895-1915, de Jorge Americano [1957])

Chovia desesperadamente desde outubro. Quando as crianças chegavam da escola tiveram os sapatos e as meias encharcadas, faziam-lhes fricções nos pés com toalhas felpudas e calçavam outras meias e sapatos.

Enchiam-nos os sapatos molhados com pedaços de jornal. Levados à estufa do fogão de lenha, depois do jantar, na manhã seguinte estavam secos.

Tudo se repetiu nos dias seguintes.

Quem passasse pelo Viaduto durante alguma "estiada", veria o córrego Anhangabaú alagando o vale. As verduras da Chácara da Baronesa de Itapetininga tinham desaparecido n'água.

Os jornais noticiaram as enchentes. A Várzea do Carmo (Parque Pedro II), os bairros marginais do Tamanduateí (Mooca, Cambuci, Ponte Pequena) foram invadidos pela água. As zonas da atual Vila Maria, do Carandiru e do atual Campo de Marte estavam inundadas.

Na Ponte Grande (a primitiva Ponte Grande), a cujo lado estavam a chácara e observatório do General Couto de Magalhães, as águas alcançavam três palmos abaixo do piso.

O corpo de bombeiros socorria, em canoas, os moradores desses bairros, para o edifício da Imigração, na Rua Visconde de Parnaíba, e para a Santa Casa de Misericórdia, na rua Cesário Motta.

Uma tarde, em fins de dezembro, apareceu um sol coado. Na manhã seguinte, um pouco mais fria, o sol brilhou.

À tarde tomamos na esquina da Rua dos Andradas o bonde a tração animal da

Rua Vitória, que passou pela estação da Luz, recém-construída, cuja imensa torre podia ser vista de qualquer ponto da cidade, e entramos pela Rua Florêncio de Abreu. No lugar onde há hoje uma ponte sobre a Rua Anhangabaú, atrelaram mais um burro ao bonde, para facilitar a subida da ladeira. Ao chegar ao Largo de São Bento soltaram o burro, que desceu a ladeira sozinho. Daí tomamos o da Ponte Grande, no qual já havia diversas famílias, e pelas seis horas víamos passar as águas do Tietê. Com a ponta da bengala podiam-se deter destroços das plantas que flutuavam.

Nos três dias seguintes fez calor forte. As águas baixaram.

Recomeçaram as chuvas. A enchente subiu e continuou até março. Durante uma semana cessaram as comunicações ferroviárias para

Santos, porque estava inundado o leito da estrada, na Várzea da Mooca.



(Segundo capítulo do livro A luz de Luiz, de Oswaldo Faustino, sobre o poeta e jornalista abolicionista e republicano Luiz Gama [2015])

Afinal, que Luz é essa que, noite após noite, atravessa os portões de ferro do Cemitério da Consolação e desliza pelas ruas, travessas, becos e vielas?

Luz a percorrer, um a um, os locais onde plantou sua história, hoje amargando a sensação de que, por ali, nada floresceu.

Luz que busca reconhecer São Paulo, mas sua São Paulo já não há. Não aquela que tão profundamente conheceu e que também não a reconhece. Duas estranhas, frente a frente.

Também, pudera, a cidade vestiu de asfalto todas as pedras dos calçamentos, nos quais se imprimiram as marcas profundas de suas pegadas de felino, a urrar contra a escravidão e o contra o império... São Paulo de quatrocentões escravocratas, cidade oligarca despudorada de ostentar seu baronato cafeeiro. São Paulo de orgulho bandeirante, voraz expansionista, caçadora de esmeraldas e de indígenas, destruidora de limites territoriais e de quilombos.

São Paulo de ontem? Não, de hoje, de sempre..." (\*)

ressoam em forma de palavras, na mente de cada um deles, formando um discurso que se inicia com: "Afinal, que Luz é essa que, noite após noite, atravessa os portões de ferro do Cemitério da Consolação..." e que se encerra com: "São Paulo de ontem? Não, de hoje, de sempre...". E que, continuamente, retorna ao começo.

De repente, no Largo São Francisco, bem em frente às arcadas da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, a luz estanca. O grupo para bem próximo dela, junto ao halo luminoso avermelhado, que toma boa parte daquele logradouro público.

Agora, no centro da luz, já se consegue vislumbrar um vulto de homem. Um homem imponente, solene, de cabeça erguida e de queixo barbudo elevado.

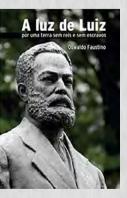
- Onde foi que já vi este homem? –, indaga-se Naomi. Quanto mais o observa, mais tem certeza de já tê-lo visto. A imagem vai adquirindo nitidez e, na mente da garota negra, vai se associando ao aroma de flores.
- Lembrei! Foi no dia em que fui comprar rosas. Era aniversário de minha mãe.

Todos olham assustados para ela.

- Eu o reconheço é aquele busto do Largo do Arouche, pertinho do Mercado de Flores. Olhem! Não é o mesmo homem? A mesma altivez?
   , questiona a menina.
- Reparando bem se parece com ele sim –, concorda Shizuka, a amiga nissei inseparável, que estava em sua companhia na compra das rosas.
- Você está falando do busto de Luiz Gama, Naomi? –, pergunta Pedro, o professor.

Ao ouvir o nome, Luiz Gama, o homem se volta para o grupo e, pela primeira vez, parece perceber que não está só...

(\*) Texto extraído do catálogo da exposição *Memorial Luiz Gama –* Caixa Cultural/São Paulo, 2014 –, do mesmo autor. <u>Ouça!</u>



Seguindo a luz, que desliza célere, os jovens, em seus equipamentos de transporte, esporte e diversão, bicicletas, skates e patinetes, não conseguem alcançá-la. Há muito deixaram o medo para trás. Agora, a curiosidade é a fonte maior de energia que os mantém determinados a segui-la, através das vias tomadas por ela.

A vantagem é que, mantendo-se num determinado raio de distância do epicentro do círculo formado por sua luminosidade, não são sugados pela escuridão do blecaute que tomou conta da cidade de São Paulo.

O mais estranho é que sons de tambores, muitos tambores, e de outros instrumentos de percussão,

com sonoridades as mais variadas, das mais agudas às profundamente graves, fazem trilha sonora para essa jornada, no mínimo, insólita. Sons que











São Paulo em prosa, verso e música

#### Na casa do Assis

No dia 30 de dezembro de 2021. Assis reuniu em sua casa para um bate-papo sobre São Paulo quatro dos depoentes desta edição: Bill Hinchberger, Carlos Silvio Ramos, Darlan Zurc e Moacir Assunção. Carlos gravou o encontro e o postou no canal do seu programa Paiaiá na Conectados no YouTube.



## "São Paulo é uma capital cultural"

Assis Ângelo – Jorge Mello, você trocou o Piauí pelo Rio de Janeiro e depois por São Paulo. Por auê?

Jorge Mello – Quando ainda pequeno, com nove anos, em Piripiri, no Piauí, minha cidade natal, eu já me decidi por ser músico, artista. Eu ajudava meu pai na bodega que ele tinha na Praça do Mercado. Ele saía pra pegar mantimentos em nosso sítio, para vender, e me deixava muitas vezes sozinho. cuidando do atendimento no balção. Ele vendia de tudo, até sanfonas. E nessas saídas dele, eu pegava na sanfona e dedilhava as canções que tinha na cabeça. Um dia ele me pegou tocando. E daquele dia em diante ele me botou para trabalhar do lado de fora do estabelecimento, tocando sanfona para atrair a freguesia. Logo saí de casa e fui buscar meu sonho, em Teresina, depois Fortaleza. Até que percebi que ele estava aqui no chamado "Sul Maravilha". Vim para o sul, obedecendo à lei da gravidade. E realizei meu sonho de ser um artista, um músico, um compositor.

Assis - Você fez parte do grupo Pessoal do Ceará. Que grupo foi esse, e qual a sua importância?

Jorge – Nos tempos da universidade em

Fortaleza, eu, buscando os espaços para mostrar a minha música. encontrei outros interessados nisso reunidos na Faculdade de Arquitetura, Física e Direito (o curso que eu frequentava). Eram estudantes



interessados em música, poesia e nos festivais locais. Logo estávamos nos bares, e foi no Bar do Anísio, o local principal onde essa tropa se reunia. Fui contratado pela TV Ceará para a direção musical de um programa local onde utilizava essa mão de obra e essa tropa cheia de talento, semanalmente, nos programas que dirigi: Porque hoje é sábado e Gente que a gente gosta. Com o tempo fomos reconhecidos como Pessoal do Ceará. Fui um dos primeiros a me mudar para o Rio de Janeiro, e em minha casa moraram Belchior,



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A **SAMSUNG**







#### São Paulo em prosa, verso e música

Fagner e Cirino. Depois chegaram Ednardo, Rodger e Tety. E aconteceu o reconhecimento dessa massa de compositores, com o sucesso do LP Pessoal do Ceará, gravado em São Paulo. Ednardo foi o primeiro a ter esse reconhecimento popular. Depois os outros foram tendo oportunidades, como aconteceu comigo.

Assis - Você, parceiro de Belchior em guase 30 músicas, e ele, um cearense que amava São Paulo, como você. Sei que você chegou a musicar o famoso poema de Mário de Andrade Garoa do meu São Paulo: conta essa história... Quais são as outras músicas que escreveu sobre a capital paulista? Fale de alguma que tenha sido feita pelo seu parceiro Belchior.

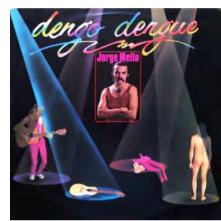
Jorge – Bem, são quatro perguntas numa só: A história da parceria com Belchior vem dos tempos da universidade, em Fortaleza. E, também pelo fato de termos morado juntos por anos. E

ainda porque fomos sócios em duas empresas: Paraíso Discos, uma gravadora, e Constelações, uma editora musical. Essa aproximação me levou a ser o maior parceiro de Belchior em volume de obras escritas em parceria.

Sobre o poema do Mário de Andrade, posso dizer que gosto de musicar poemas clássicos. Sou parceiro de outros como de Olavo Bilac, Hermes

Fontes, José Albano, Raimundo Correia... A canção com Mário de Andrade Garoa do meu São Paulo está gravada no meu álbum de 1980, intitulado Dengo Dengue. Adoro!!!

Sobre quais outras músicas escrevi sobre



a capital paulista, posso dizer que adoro São Paulo Zero Grau, que está no meu álbum Besta Fera, de 1976. E outra linda canção, intitulada Avenida Paulista, gravada nos meus álbuns Mais que de Repente, de 1977, e Claramente, de 2001.

Falar de alguma música escrita por meu parceiro Belchior para São Paulo é fácil adoro a canção Passeio, gravada por ele em 1974.

Assis – O que mais encanta você em São Paulo? Jorge – Adoro as pessoas, também por ser um lugar onde se encontra de tudo que se deseja comer. Tem comidas nordestinas, mineiras, nortistas. Tudo de frutos do mar. Sou pego pelo





estômago. E tem as oportunidades que se espera para a carreira que escolhi. Também aqui fiz grandes e inesquecíveis amigos, que hoje tenho como irmãos...! É uma capital cultural!!!

Assis - Conte um pouco sobre você, sua obra e sua história.

Jorge – Pelas minhas atividades na arte e na música, posso dizer que sou um artista nordestino, compositor, produtor, cantor, poeta, repentista, escritor, arranjador, e fora isso também atuei na advocacia, porque sou advogado, especialista em Direitos Autorais. Fiz durante a vida toda milhares de shows e produzi pelo menos 250 álbuns de outros colegas cantores/compositores. Também escrevi trilhas de teatro, cinema e de publicidade. Agora cuido do Acervo Jorge Mello, lugar onde guardo em torno de 80.000 documentos que contam a história da música de minha geração.

Tenho hoje mais de 200 obras gravadas, obras que escrevi com mais de 20 parceiros. Gravei três dezenas de álbuns (discos em vinil. CDs e fitas e vídeos). E sei que farei isso até o último dia de minha vida, porque não sei parar.



## Jornalistas & Cia Edição 1.342A **SAMSUNG**







São Paulo em prosa, verso e música

## A vida escrita em cordel

Entrevista de Assis Ângelo com Peter Alouche

Assis Ângelo – Que eu saiba, você, além de engenheiro, se formou em Letras Francesas pela Université de Nancy (França). Foi naguela época que escreveu um poema dedicado ao general de Gaulle [NdaR: presidente da França de 1944 a 1946 e de 1958 a 1969] e que ele apreciou muito? Fale a respeito.

Peter Alouche – O poema que escrevi dedicado ao general de Gaulle foi muito anterior ao meu curso em Nancy. Foi em 1960, eu era adolescente, recém-chegado ao Brasil, e admirava muito a coragem, a bravura e o patriotismo desse grande líder francês que eu conhecia e ouvia pelo rádio. Depois de um discurso inflamado que ele dirigiu à nação, durante a guerra da Argélia, decidi escrever esse poema e, com coragem, enviá-lo por carta a ele. O poema chama A vitória e a ambição nacional. A última estrofe, que vou traduzir, diz o sequinte:

Mais qui es-tu, Soldat, qui m'a rendu la gloire, L'Honneur, la Force, la Victoire Et l'Unité, quén vain, recherchait ma Nation? "FRANCE, je suis ton Ambition"

("Mas quem és tu, Soldado, que me devolveu a A Honra, a Força, a Vitória

E a Unidade que procurava minha Nação? "FRANÇA, eu sou tua Ambição")

Figuei surpreso e orgulhoso de receber em resposta uma carta da Presidência da República da França, em 24 de fevereiro de 1960 (coisa absolutamente inédita, como figuei sabendo), com os seguintes dizeres:

> EP.BC PRÉSIDENCE

DE LA RÉPUBLIQUE

CAB/SP/5

005677

#### "Senhor,

Sua carta e seu poema, inspirados pelo amor que tens pela França, tocaram o Général de Gaulle.

Ele me encarregou de lhe dizer e de agradecer pelo testemunho que você lhe

Queira receber, Senhor, a expressão de meus distintos sentimentos.

Assis – Você nasceu no Egito, mas sua principal língua é o francês. Por quê?

Peter – É simples de explicar. Naquela época, no Egito, as classes média e alta, em especial os cristãos do Egito (sou católico do rito bizantino), como todos os descendentes de europeus, estudavam em escolas francesas (muitas religiosas). Eu estudava nos jesuítas. Todas as matérias eram

dadas seguindo o curso francês e, em paralelo, o curso árabe. Mas na escola só se podia conversar na língua de Molière. O interessante é estudar os fatos históricos (como a campanha de Napoleão no Egito) sob dois prismas antagônicos.

Assis – Você trocou a sua terra

il delical fort Monsieur Pierre ALOUCHE 758, Avenue Dom Pedro I Edificio "Calux" Ap.91-C Ipiranga - SAO PAULO -Carta do representante de De Gaulle a Peter

2 4 FEV. 1968

Votre lettre et votre poème, inspirés p l'amour que vous portes à la France, ont touché le Général de Gaulle.

pelo Brasil. Quando e por quê?

Peter – Esta é uma longa história. Vou tentar resumir

Na época, houve no Egito a Revolução de Nasser,











#### São Paulo em prosa, verso e música

que derrubou o rei Farouk e estabeleceu uma república islâmica. Embora 10% da população egípcia fossem cristãos (coptas), a situação para os não muçulmanos (cristãos e muito mais os judeus) tornou-se muito difícil. Meu tio, irmão de meu pai (que tinha falecido), era arcebispo da Igreja Católica Bizantina em São Paulo. Foi ele quem construiu a Igreja Nossa Senhora do Paraíso. Preocupado com o noticiário que chegava do Egito, nos mandou vir para o Brasil, deixando tudo para trás, bens e dinheiro. Não se podia sair do País naquela época com dinheiro. Viemos ao Brasil, minha mãe com sete filhos, em parte menores. Fomos recebidos como deuses por meu tio. Infelizmente, dois anos depois ele morreu e aí fomos abandonados à própria sorte. Foi muito, muito difícil no início, mas, graças ao bom Deus, vencemos.

**Assis** – A poesia e a cultura popular andam junto com você, sempre. Por quê?

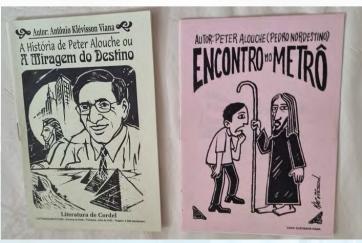
Peter – Embora tivesse me formado engenheiro e até lecionado Engenharia por 25 anos, nas Faculdades Mackenzie e Faap, a cultura literária e a poesia sempre foram minhas companheiras. Gostava de ler, principalmente em francês (li Jorge Amado em francês), porque acho que o francês é uma língua mais dada à cultura. Molière, Victor



Hugo, Rimbaud e Baudelaire que o digam. Dou mais valor ao meu diploma de Letras de Nancy do que à minha pós-graduação em Engenharia na Politécnica. Esta me dava os recursos para trabalhar. A outra me dava os recursos da alma.

Assis – Você fala muitas línguas e tem textos publicados no Brasil e no exterior, mas não publicou um livro até hoje. Por quê?

Peter – Escrever um livro sempre esteve nos meus projetos de vida. Sou até cobrado pela família e amigos para escrever a história da família, que



é uma verdadeira epopeia. Mas dois obstáculos sempre se apresentaram: a dúvida se deveria meu livro ser um romance ou uma autobiografia; e a preguiça. Por incrível que pareça, tenho tendência à prequiça, exceto quando estou pressionado. Aí ninguém me segura. Aliás, eu gueria lembrar que parte da história da minha vida foi escrita em cordel, por Klévisson Vianna, um dos maiores cordelistas do Brasil: A vida de Peter Alouche ou a miragem do destino. Uma obra-prima que eu não poderia igualar.

Assis – Você é dono de um amplo conhecimento cultural. Quais os livros e autores que mais o marcaram na vida?

Peter – Foram muitos, muitos. Mas vou citar tão somente dois: Madame Bovary, de Gustave Flaubert, e A confusão dos sentimentos, de Stefan Zweig.

**Assis** – E na música clássica, quais autores mais admira?

Peter - Na música clássica, Chopin (Fantasie - Impromptu), Beethoven (A sétima - segundo movimento) e Haydn (Sarabande).











#### São Paulo em prosa, verso e música

Na música popular, as músicas francesas, claro. Nas canções brasileiras, Chico Buarque, sem dúvida

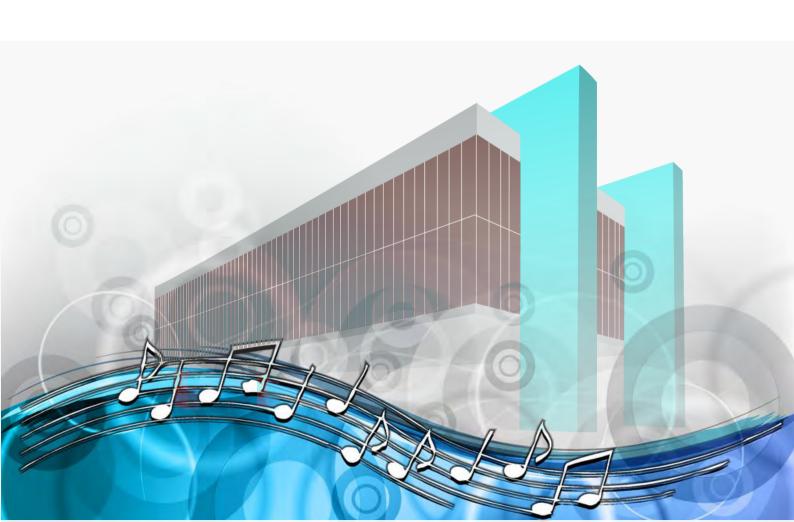
Assis – Pouca gente sabe, mas você publicou um folheto de cordel e tem também a música São Paulo de todos nós, cantada por Téo Azevedo.

Peter – No cordel, foi uma ousadia que tive em participar do Primeiro Concurso de Cordel; aliás, organizado por você, Assis Ângelo, em 2002. Me inscrevi com o pseudônimo de Pedro Nordestino. O cordel chama Encontro no Metrô. Foi um dos dez classificados. Tenho também algumas outras poesias publicadas, como a Borboleta Amazônia, também musicada por Téo Azevedo, e Avenida Paulista (poema publicado no livro Natureza Cidade).

Assis – Você é um símbolo para os metroviários do Brasil, especialmente de São Paulo. Você foi

um dos fundadores do nosso Metrô. O tem a dizer sobre isso?

Peter – O Metrô é minha paixão profissional. Desde que entrei no Metrô, em 1972 (e foi por acaso do destino), minha vida se transformou. Adotei o Metrô e o Metrô me adotou. Uma verdadeira paixão mútua. Não é que minha vida no Metrô fosse um paraíso (tive algumas poucas mágoas, que ainda não consigo enterrar. Um dia conto), mas o Metrô foi para mim uma escola superior de Engenharia, onde pude aprender muito e desenvolver um belo trabalho (concepção, coordenação dos testes de aceitação etc.) e onde pude criar muitas amizades. Saí do Metrô ao me aposentar, mas continuo muito ligado (sem remuneração nenhuma) à Companhia que tanto me deu de alegrias e conquistas.





# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 20

**SAMSUNG** 







Assis Ângelo pediu a alguns de seus "considerados" que enviassem depoimentos sobre São Paulo. Eles estão reproduzidos a seguir:

#### São Paulo em notas e versos

A presença e a contribuição de Assis Ângelo na cultura nacional estão consagradas na sua vasta obra de pesquisador e de artista.

O seu esforço em reunir cerca de três mil músicas e composições de alguma forma relacionadas com a cidade de São Paulo constitui um reconhecimento à altura da metrópole fundada pelos jesuítas Manoel da Nóbrega e José de Anchieta e que se tornou símbolo e síntese da grandeza do Brasil. A alma nordestina e a brasilidade de Assis Ângelo ganharam asas e inspiração em São Paulo, e o apreço pela cidade mobilizou o pesquisador na busca das demonstrações de carinho e amor de tantos quantos músicos e compositores tomados pela mesma paixão.

Assis Ângelo deve a São Paulo o acolhimento generoso que recebeu, e São Paulo deverá para sempre ao ilustre paraibano de João Pessoa o acervo musical de merecidas homenagens.

Aldo Rebelo - Jornalista e escritor



Av. 23 de maio, em 1978 e na atualidade

#### Encantos de São Paulo

Uma cidade tão grande e diversa e produtiva quanto São Paulo haveria de ser inspiração para farta produção de música diversa e, muitas vezes, grande. A Pauliceia e muitos de seus bairros e logradouros – a Praça da Sé, a Avenida Paulista, o aeroporto de Congonhas, o estádio do Pacaembu, a Mooca, a Pompeia – têm inspirado tantas obras musicais quanto as atrações cariocas, excelentes cartões de visita para passeio e lazer, ao passo – passo bem paulistanamente ligeiro – que os encantos de Sampa refletem esforço, trabalho, luta pela vida, até o prazer é conquistado.



Este que vos escreve precisou aprender a entender a cidade onde nasceu para vir a gostar dela. Vivi dos 12 aos 22 anos no interior paulista, sempre reclamando da poluição, agitação e neurose da "capitár". Mas, uma vez de volta, em dois anos me assumi de vez como paulistano. E, como compositor, já escrevi algumas dezenas de canções, quase sempre bem-humoradas, sobre a terra onde a garoa é mais garoa. Aqui vai uma de bom humor lírico: <a href="https://soundcloud.com/bigmug1990/veramendes-n-s-que-amamos-s-o.">https://soundcloud.com/bigmug1990/veramendes-n-s-que-amamos-s-o.</a>

Ayrton Mugnaini Jr. - compositor



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 21

**SAMSUNG** 







#### São Paulo em prosa, verso e música

#### I Love that Dirty Water

Em 1991, como correspondente de The Financial Times, fui convidado para fazer parte de um grupo minúsculo de jornalistas, quase todos brasileiros, que se encontraria com o governador Luiz Antonio Fleury Filho. O governador anunciou um empréstimo então recorde do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para a despoluição do Rio Tietê. Fiz uma matéria relativamente extensa para aquele grande jornal inglês. Tanto dinheiro para um projeto ambiental era inédito.

Depois, Fleury prometeu beber água do rio no ano 2005. Nada disso.

Em 2007, em parceria com a TV PUC São Paulo, recorri quase todo o rio, desde a fonte (onde, sim, eu bebi um copo de água) até lá longe, no interior, onde o rio finalmente voltava a desfrutar a vida.

Acompanhei uma peça de teatro flutuante dento da cidade de São Paulo, uma iniciativa que simbolizava a importância cultural do rio para a metrópole.

Ao pousar em Guarulhos no final do ano, vindo de Paris, para minha primeira visita desde o começo da pandemia, vi a triste realidade: milhões de dólares e duas décadas depois, o rio continuava morto.

O título acima vem da música de mesmo nome pelo conjunto The Standells, gravada em 1966: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=5apEctKwiD8">https://www.youtube.com/watch?v=5apEctKwiD8</a>. Os roqueiros cantavam o Rio Charles, de Boston. Naquela época, quem caía no rio da cidade de Boston era encaminhado para o hospital. Hoje você pode nadar no Rio Charles. Até quando esperar para a volta do Tietê?

Bill Hinchberger - jornalista



Largo da Batata, nos anos 1980 e na atualidade



#### Um pulo em São Paulo

O sonho de quase todo garoto do interior do Brasil é ir para cidade grande. Para um garoto do sertão baiano, o destino, no sonho desse garoto, é São Paulo.

Comigo não foi diferente.

No Paiaiá, povoado do município de Nova Soure (BA), vivi até os meus 21 anos de idade. Mas desde a infância São Paulo já passeava na minha imaginação. Um dia dou um pulo em São Paulo, pensava, ao ver muita gente chegar de férias e com um novo visual No dia 10 de janeiro de 1999 desembarquei no Terminal Rodoviário do Tietê. Do espanto inicial, por contemplar o vaivém dos carros, o pra lá e pra cá de um monte de gente apressada que parece não encontrar seu destino, há uma relação de amor e muito afeto.

São Paulo é minha segunda casa. Depois do meu Paiaiá, é a cidade que mais amo. A cidade onde aprendi o pouco que sei; cidade que continua a me ensinar.

Obrigado, São Paulo!



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 22









#### São Paulo em prosa, verso e música

#### Vim-me embora pra São Paulo

Vim-me embora pra São Paulo. Aqui não sou amigo do rei. Aqui não tenho a mulher que eu quero nem a cama que escolherei. Vim-me embora pra São Paulo. Lá, no sertão baiano de Nova Soure, eu não era infeliz. Aqui a inexistência é uma desventura de tal modo pertinente que Getulio Vargas, do Sul, rei e falso dirigente, vem a ser contraindicado até para a sogra que já tive.

E como não farei academia, não andarei de motobói, não montarei em viatura braba da Rota, não subirei em arranha-céus, não tomarei banhos de enchente? E, quando não estiver cansado, levanto na beira do rio Tietê, mando chamar os bueiros de esgoto pra me desmentirem as histórias que, no tempo de eu adulto, a Turma da Mônica jamais iria me contar.

Vim-me embora pra São Paulo. Em São Paulo, não tem tudo. É outra esculhambação. Não tem um processo seguro de impedir o assalto e qualquer violação. Não tem mais bondinho elétrico, não tem mais madrugadas à vontade. Não tem mais acompanhantes vestidas para a gente azarar.

E quando eu estiver alegre, mas alegre de ter um infarto na poluição, quando na garoa da manhã me der vontade de viver, aqui não sou amigo do rei, não terei a mulher que eu quero nem a cama que escolherei. Assim mesmo e apesar de tudo, vimme embora pra São Paulo.

Darlan Zurc – historiador



Av. Paulista, nos anos 1950 e na atualidade



#### Por que estou em São Paulo

Só podia ser uma cidade com nome de um santo – São Paulo – a que me acolheu, depois de longos anos de batalha nesta minha vida.

São Paulo, você vem me dando tanta alegria e profissionalismo que não me vejo saindo daqui pra morar em outro lugar!

Aqui, eu consolidei minha carreira de músico, cantor e compositor; conheci pessoas; conquistei espaços para criar e implantar muitos projetos educacionais e culturais! Aqui, eu criei meus filhos, minha família e fiz grandes amigos... e me criei como cidadão!

Eu até fiz músicas pra São Paulo!... Uma, São Paulo, Esquina do Mundo, com o jornalista e escritor Assis Ângelo, e a outra, Cruzando a Pauliceia, com o músico Fubá! Além, claro, de tocar e cantar, em shows com Tom Zé, duas grandes músicas feitas para a cidade, que são: Augusta, Angélica e Consolação e São São Paulo.

Agora, SÃO PAULO, continue me acolhendo e me ensinando a ser uma pessoa cada vez melhor!

Obrigado, São Paulo!!!

Jarbas Mariz - músico, cantor e compositor



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 23

**SAMSUNG** 







#### São Paulo em prosa, verso e música

#### Valsa Paulistana

No ano de 2005 foi criado na cidade de Salzburg, na Áustria, o Instituto Karajan, na casa onde nasceu o maestro

Nesse Instituto estão armazenados todos os dados e documentos da vida e carreira do maior maestro da segunda metade do século XX em todo o mundo.

O Instituto é um centro cultural que promove hoje os mais diversos eventos e atividades culturais.

Quando ele foi inaugurado, em 2005, um grupo de instrumentistas da Filarmônica de Berlim – orquestra que ele regeu por mais de três décadas – foi convidado para participar da festa de inauguração, já que a orquestra inteira não caberia na casa.

Esse grupo de instrumentos de sopro pediu-me que escrevesse uma peça bem brasileira para animar a festa de inauguração.

Pois bem. Enviei a eles a mais brasileira das músicas, uma valsa. Uma Valsa Paulistana.

Os alemães morreram de rir. Como uma valsa "bem brasileira" para a "terra da valsa"?

Mas, a nossa valsa não tem nada a ver com as valsas vienenses, dançantes, festivas. Nossa valsa, de estilo paulistano, é sentimental, lenta, chorosa... Bem. A Valsa Paulistana foi executada, com enorme sucesso, e gravada pelo Quinteto de Sopros da Filarmônica de Berlim, selo BIS 952. O CD chama-se

Summer Music.

Essa valsa para quinteto de sopros foi acrescentada a uma suíte de nome Belle Époque in Süd-Amerika, juntamente com um tango e um choro.

A partitura completa dessa suite encontra-se gratuitamente no site Musica Brasilis.

Júlio Medaglia – maestro



A primeira página da partitura da Valsa Paulistana, impressa erroneamente como Valsa Paulista

#### Memórias de São Paulo

Cheguei em São Paulo num frio domingo de março de 1978. Eu conhecia a capital paulista dos postais que mostravam uma cidade com muitos prédios, uma linda praça, a República, e a Avenida Paulista, com seus arranha-céus futuristas. Ao descer do ônibus, em Cumbica, bairro de Guarulhos, então com ruas de terra e grandes muros, típicos de uma região industrial, me decepcionei profundamente: "Como São Paulo é feia", pensei. Somente meses depois passaria a conhecer, de fato, a cidade, como office-boy de uma agência de turismo sediada na Praça da República. Me apaixonei perdidamente, como era de se esperar.

São Paulo, a mais cosmopolita das cidades

brasileiras, me ofereceu uma profissão, de jornalista e professor, uma boa condição de vida, uma filha, a querida Júlia, e o gosto pela história, adquirida no tempo em que trabalhei cuidando da estante da área em uma livraria, e na condição de repórter de dois jornais, Estadão e Diário Popular, em que escarafunchei essa cidade de alto a baixo. Enfrentei, claro, muitas dificuldades, típicas de um forasteiro tentando se estabilizar – no caso, de um pernambucano do sertão, em plena metrópole –, mas sempre deu certo. Enfim, fico contente em saber que, depois de 42 anos, conquistei a tão sonhada "cidadania" paulistana e estou, a cada dia, mais apaixonado por esta grande cidade. Abraços a todos e todas conterrâneos.













#### São Paulo em prosa, verso e música

#### São Paulo de todos nós

Realmente, São Paulo é do mundo todo. Nas pesquisas, São Paulo é a quarta maior cidade do mundo em população, mas em se tratando de espaço, cidadania, trabalho, liberdade, paz e amor, para mim ela é a maior do mundo. Porque, além do trabalho, ela tem de tudo que um ser humano precisa para viver ou sobreviver. Para isso basta que lhe seja um cidadão que respeita o direito de ir e vir, que vive e deixa os outros viverem. Sou mineiro de Alto Belo, distrito de Bocaiúva, no norte do estado. Fui para São Paulo em 1969, e por lá estou até

hoje. Rodei o Brasil todo. Estive em Portugal, mas São Paulo nunca saiu do meu coração.

Tudo que tem pelo mundo afora você acha em São Paulo. Pra viver em São Paulo basta saber navegar, não importa se é rico ou se é pobre. Fiz mais de 30 músicas em homenagem a essa gigante de cimento e continuarei até o fim dos meus tempos exaltando os paulistas e os paulistanos.

A minha carreira artística eu devo muito a essa cidade fantástica e sua gente.

A minha eterna homenagem a São Paulo.

Téo Azevedo - músico, cantor e compositor

#### Bilhete paulistano para Assis Angelo

No início da carreira, algumas dificuldades me levaram a fazer o que eu chamava de "reportagem cantada".

Primeiro foi em Irará, com as pessoas e casos de lá. Depois, em Salvador, com seus personagens históricos, monumentos que são muito vivos etc.

Quando chequei em São Paulo, eu, que componho sobre meu entorno, figuei sem saber a que me referir nos primeiros dias. O que me salvou foi que na rua 7 de Abril entrei para ver um filme chamado São Paulo S/A, de Luís Sérgio Person. Mudou completamente o meu jeito de ver a cidade e seus problemas. Comecei a escrever as canções que fizeram meu primeiro disco, chamado Tom Zé - Grande Liquidação.

Ou seja, continuei, como era e é meu costume, a fazer canção sobre o que está à minha volta.

Essa "liquidação" tematiza a explosão da venda a crédito, que anteriormente era uma maldição para o comércio. Circulava até um dito: "Fiado, cinco

letras que choram". Mas o fiado passou a ser uma insistência.

No dia 21 de abril de 1968, quando acordei e chequei à porta de casa, estava fazendo muito frio. Frio mesmo, que hoje não faz mais. Eu estava na Rua Conselheiro Brotero e me dirigi para a Alameda Barros. No meio do quarteirão havia uma banca de revistas e nela, uma grande manchete: Prostitutas invadem o centro da cidade. Em vez de tremer frio, comecei a tremer de emoção. E naquele instante me ocorreu toda a forma da canção São São Paulo, Meu Amor.

Quando você encontrava uma pessoa ela quase imediatamente começava a falar mal e a enumerar os defeitos de São Paulo. Achando que assim se identificava, mostrando que estava "por dentro".

Reuni esses "defeitos" e discuti-os no refrão.

Tá bom, Assis Ângelo, pode chamar tudo isso que falei de "paixão por São Paulo".

Tom Zé - músico, cantor e compositor



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 25

**SAMSUNG** 







São Paulo em prosa, verso e música

### Bairros de São Paulo em cordel

A Editora Nova Alexandria de São Paulo desafiou há uns dez anos o poeta, cordelista e cantador Cacá Lopes a escrever a história dos bairros da cidade em cordel, para publicar no site da empresa com o título Bairros de São Paulo em Cordel.

Cacá aceitou o desafio e escreveu de oito a dez estrofes em sextilhas sobre uns 30 bairros, tendo publicado três em gráfica: as histórias de Guaianases, Itaquera e São Miguel Paulista. Os folhetos sobre a Freguesia do Ó e Francisco Morato estão no prelo. Também já publicou cordéis sobre as cidades de Cajamar e Louveira, no interior paulista, distribuídos nas escolas e bibliotecas da região.

Em outra obra poética, o cordel *Palavras de Origem Tupi Guarani*, que publicou em parceria com
Josué Gonçalves, pela Editora Cordel, do mestre
Kydelmir Dantas, Cacá Lopes cita em versos os
seguintes locais e bairros de Sampa: Anhangabaú,

Aricanduva,
Cambuci, Arujá,
Anhanguera,
Ibirapuera, Iguatemi,
Butantã, Jaçanã,
Guarapiranga,
Sumaré, Canindé,
Morumbi, Mooca,
Itapecerica,

Tremembé, Ipiranga e Jabaquara, entre outros.









Viajando na história Fui de aluno a professor, Sobre alguns bairros paulistas Que pesquisei com ardor, E agora neste Cordel Repasso para o leitor.

#### Brás

O migrante é povo forte Busca o sonho, é capaz, Foi assim que muita gente Deixou tudo para trás, E veio para São Paulo Para trabalhar no Brás.

Esse distrito que está
Bem na Região central,
À leste do centro histórico
De São Paulo capital,
Nas terras de José Brás
Que se tornou imortal.

#### Santo Amaro

No universo dos versos Cada verso eu encaro, Laço, teço, ouso, busco Meço, rimo, nunca paro, Chego, canto a Zona Sul Começo por Santo Amaro.

Aldeia de Jeribatiba Tantas vezes visitada, Por José de Anchieta Firme na sua jornada, Sobre a criação da vila Após ser catequizada.

### São Miquel Paulista

Mais um bairro de São Paulo Acrescento em minha lista, Ao descrevê-lo em cordel À memória se avista. Minha homenagem em versos Para São Miguel Paulista.

Feche os olhos, imagine Como tudo começou, De'um aldeamento indígena A vilinha se formou, Narro poeticamente Quem o lugar desbravou.





**SAMSUNG** 







São Paulo em prosa, verso e música

### Cidade Tiradentes

A Cidade Tiradentes No fundão da capital, Um conjunto periférico E monofuncional, Tipo bairro dormitório De proporção sem iqual.

Na América Latina É tido como o maior Complexo habitacional Com conjuntos ao redor, Do bairro que a cada dia Em "infra" fica melhor.

Capão Redondo

Capão é uma porção De mato quase isolado, No meio de um grande campo, Já o bairro retratado, Do tupi - mato redondo Vem o seu significado. O nome Capão Redondo Foi dado por moradores, Os primeiros habitantes

Fortes colonizadores, Também praticavam caças E eram bons pescadores.

Itaquera

Itaquera - Zona Leste Seu povo quero saudar!



Trago um canto diferente E quero lhe ofertar, Um Cordel com sua história À memória do Lugar.

Itaquera é pedra dura Vem do Tupi Guarani, Dizem que Tomé de Souza Um dia passou aqui, Pela estrada de Santos Próxima do Iquatemi.

Paraisópolis

Povo de Paraisópolis Estou chegando pra rimar, A história desse bairro Na cultura popular, Convido você leitor! Para no tempo voltar.

O processo começou Lá na década de cinquenta. A colônia japonesa Toma posse e logo tenta, Transformar as suas chácaras De grileiro não se isenta.

#### São Paulo em Cordel

Essa obra coletiva, da Editora IMEPH, de Fortaleza, com ilustrações de Kazane, foi lançada em formato de livro, com capa dura, no ano de 2016. Traz os seguintes títulos e autores, com nove estrofes. em sextilhas e septilhas:

São Paulo em Cordel - Rouxinol do Rinaré Memorial do Imigrante - Antônio Francisco Pinacoteca de São Paulo - Do saudoso Arievaldo Viana Bairro da Liberdade - Costa Senna Monumento às Bandeiras - Crispiniano Neto

Praça da Sé - Dideus Sales

Memorial da América Latina - Izabel Nascimento

MASP - Museu de Arte de São Paulo - João Gomes de Sá

Museu Paulista - Marco Haurélio

Edifício Altino Arantes - O popular Banespão - Marco Haurélio

Fonte Monumental - Moreira de Acopiara

Sambódromo de São Paulo (Polo Cultural e Esportivo Grande

Otelo) - Pedro Monteiro

Galeria do Rock - Tião Simpatia

Zoológico de São Paulo - Varneci Nascimento

Museu da Língua Portuguesa - Zé Maria de Fortaleza





vivo \* Jornalistas & Cia Edição 1.342A

XP inc.







São Paulo em prosa, verso e música

## São Paulo em verso e música

#### São Paulo de Todos Nós, canção

Téo Azevedo/Peter Alouche

Vim de terras bem longínguas Abrigar-me no teu calor Fugi da forme de solos áridos Fugi de querras de almas secas Vim da Sicília, vim do Japão Sou português, sou catalão Sou libanês, perdi meu chão Não tenho pátria, sou judeu errante Vim procurar paz, lar e pão.

Sou branco, sou negro, sou oriental Sou nordestino do sertão Deixei a casa onde eu nasci Ah! Que saudades do Cariri! Vim descobrir minha esperança Ao te pedir chão e trabalho Com muita lágrima e suor Fui perseguir teu futuro Edifiquei fua riqueza Tornei-te forte e poderosa A mais altiva da nação. São Paulo, São Paulo de todos nós Ao te ver de braços abertos Te adotei no coração.



### Viagem por São Paulo, rap

Costa Senna

Já passei em Parelheiros Perto de Embu-Guaçu, Fui a Itapecerica De lá pulei pro Embu. Não me lembro qual o dia Me aproximei de Cotia Vi a Řegis Bittencourt.

Cruzei Carapicuíba E toda Barueri, Santana do Parnaiba Lá que parei pra dormir; Cajamar, Parque Anhanquera Não lembro que data era Mas sei que passei ali.

Caieiras, Mairiporã, Guarulhos e Arujá;

Lá em Itaquaquecetuba Tive o prazer de pisar. Em uma noite sem luz Passei em "Mogi das Cruz" Onde pretendo voltar.

Suzano penetrei nela Pela estrada do morro, Quando entrei em Cubatão Fui mordido por cachorro. Não parei naquela terra, No Rio Grande da Serra Que me prestaram socorro.

São Caetano do Sul, São Mateus e Santo André; Em São Bernardo do Campo Me aplaudiram de pé. Não sei se cometo engano Tem outro São Caetaño Mas eu não sei onde é.

No São Miquel Paulista Já fui me apresentar E no Itaim Paulista, Bem pertinho de Poá, Ferraz de Vasconcelos Onde um dos Vasconcelos Me convidou pra almoçar.

Por toda a São Paulo o poeta já passou. Por toda a São Paulo o poeta já passou.

A Cidade Tiradentes, A Terceira Divisão, As zonas da Zona Leste Despertam meu coração, Ali o grito do povo Morre mas nasce de novo Em busca de solução.

Vila Matilde, Itaquera, Guaianazes, Mauá, Vila Prudente ou Formosa, Ipiranga vou citar. Não sei se foi verdadeiro Mas sei que Pedro Primeiro Soltou seu grito no ar. Conheço Ribeirão Pires, Mooca e Tatuapé, Vila Guilherme ou Maria,



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 28









#### São Paulo em prosa, verso e música

Nome da santa mulher, Cangaíba, Belenzinho, Deus me olha com carinho Pois sou um homem de fé.

Fiz discurso em Sapopemba, Militei em Diadema. O poeta popular Protesta contra o sistema E mesmo estando cansado, Lá no Parque do Estado, Pichei um grande poema.

Por toda a São Paulo o poeta já passou.

De Jabaquara à Saúde Três estações de metrô. Onde fica Indianópolis? Me responda por favor A festa da primavera Transforma o Ibirapuera No mais perfeito esplendor.

Após a Vila Mariana Já é Aclimação, Cambuci e Liberdade Que no Brasil é Japão; Digo perante a vocês Que o povo japonês Merece a nossa atenção.

A paranoia da Sé
Com a louca agitação,
Depois a Santa Efigênia
E a Avenida São João;
Preciso dar um suspiro
Que rima com Bom Retiro
E seque a composição...

Jaçanã, Tucuruvi, Brasil Grande, Cachoeirinha, Espero que a Casa Verde Já esteja madurinha; A Freguesia do Ó Santana friso melhor Porque conheço todinha.

Osasco, Jabaquara, Pirituba, Jaraguá, Do Limão à Barra Funda Cruzei lugar por lugar, Me sentiria feliz Se encontrasse em Perdiz Um lugar pra eu morar.

Adoro a Santa Cecília, Curto a Consolação, Bixiga, Bela Vista É minha grande paixão. Linda Vila Madalena, Mesmo não sendo pequena, Te levo em meu coração.

Cidade Universitária
Faz divisa com Pinheiros,
Ali amei uma mina
Corpo lindo por inteiro,
Me amou depois partiu
Talvez porque descobriu
Que eu não tinha dinheiro.

Ermelino Matarazzo, Jardim América, Brás, Pari, Cerqueira Cesar, Cruzei via marginais; É preciso andar com mapa O Paraíso e a Lapa Não posso deixar pra trás.

Santo Amaro, Campo Limpo, Andei de carro e a pé, Grajaú, Parque Cocaia, Eliana, São José, Conheço todo lugar, Já fui até me banhar Na Ilha do Bororé. Pelo Taboão da Serra Não lembro quando passei, Na Capela do Socorro Na sexta-treze rezei. No domingo de manhã Na feira do Butantã Ali me apresentei.

Pantanal, Capão Redondo, Granja Viana, Carrão, Heliópolis, Imirim, Brooklin e Jardim Japão. São Paulo é com prazer Que ofereço a você Toda a minha inspiração.

De Cubatão a Perus, Embu-Guaçu, Jaraguá; Dessa tão Grande São Paulo Já terminei de falar. Se alguma coisa faltou, Não sou um computador, Sou poeta popular.

Se alguma coisa faltou, Não sou um computador, Sou poeta popular:

#### São Paulo, poema

Paulo Vanzolini

Nesta minha cidade de São Paulo,

Neste meu berço, nesta minha arena,

Eu sou, na noite, uma espécie de poeta das menores e mais fáceis Que sai sem rumo e volta sem destino

Traçando o chão por força do costume e não faltando no braço ao dia a dia.

Na noite entrante, nas peludas asas da morcega madrugada Sobrevoo meu chão, num giro míope, cada vez mais certo

Na segurança de encontrar sem pressa minha minúcia, meu detalhe, meu flagrante

O ponto fino de contato e entendimento que é reforço de umbigo e de semente Que me marca sem dúvida e que me dá certeza da noite e da manhã de mim. Neste meu berço, nesta minha arena, neste meu chão,

Nesta minha cidade de São Paulo.





# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 29

**SAMSUNG** 







#### São Paulo em prosa, verso e música

### Praça da Sé, forró

Durval Souto

A Praça da Sé É a praça do povo Todo domingo É um domingo novo

É comedor de gilete Engulindo fogo Cobra venenosa Serve de remédio Mas a vida dessa gente Não se resume num prédio Sanfoneiro perdido tocando forró Bilheteiro vendendo a idade da avó São tantas as esperanças
Que a vida se trai
São tantas as esperanças
Que a vida é maior
Pra quem veio com a ilusão de ser
engenheiro
De repente olha a caixa eu sou
biscateiro
Mas meu orgulho de raça
Olha a sorte que eu tive
Estou é fazendo um curso de
detetive

Vou escrever para minha mãe

Que sou importante Mas aqui peguei peso como um elefante Não vejo a hora de regressar Pois tomei consciência vou pro meu lugar

A Praça da Sé É a praça do povo Todo domingo É um domingo novo



Sebastião Marinho e Andorinha

Zona Sul, zona Norte, Leste, Oeste
Do Tucuruvi a Jabaquara
Guaianazes a Lapa, Vila Iara
Em qualquer direção São Paulo investe
A chegada do povo do Nordeste
Transformou a metrópole da bandeira
A maior do Brasil e a primeira
De toda a América Latina
A briosa colônia nordestina
Fez São Paulo crescer dessa maneira

São milhões e milhões de paulistanos Divididos em filhos cearenses Piauenses, maranhenses Pernambucanos, alagoanos Potiguares, baianos Sergipanos e paraibanos de primeira E a megalópole brasileira Galopante para o mundo descortina A briosa colônia nordestina Fez São Paulo crescer dessa maneira

Osasco, Guarulhos, Arujá,
Carapicuíba, Itapevi
São Bernardo, Poá, Barueri,
Santo André, Diadema e Mauá
Cubatão, Bertioga a Guarujá
Toda Santos, a região praieira
Da serra do mar na Cantateira
A grande São Paulo nos fascina
A briosa colônia nordestina
Fez São Paulo crescer dessa maneira

São Paulo já tem aboiador
Forrozeiro nos clubes e shows nas
praças
Restaurantes e bares têm cachaças
Pratos típicos do nosso interior
Cordelista, coquista, embolador
Mês inteiro.no parque, praça, feira
Cantador repentista e rezadeira
Mamulengo e forró em toda esquina
A briosa colônia nordestina
Fez São Paulo crescer dessa maneira

Paulistano da gema come angu Vatapá e jabá com gerimum Casquinha e pirão de guaiamum Xerém tapioca e bijou Buchada pirão de aratu E sarapatel com macaxeira Bobó de galinha capoeira Carne seca e moqueca de corvina A briosa colônia nordestina Fez São Paulo crescer dessa maneira

Do Nordeste em São Paulo tem pedreiro Faxineiros, políticos, cientistas Empresários, juristas, jornalistas Militares, artistas, engenheiros Zeladores, vigias, cozinheiros Obstetras, doméstica e enfermeira Professores de química e capoeira Português, matemática e medicina. A briosa colônia nordestina Fez São Paulo crescer dessa maneira



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 30

**SAMSUNG** 







São Paulo em prosa, verso e música

Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, poema

Téo Azevedo

Faculdade de Direito Do largo de São Francisco Lhe décanto com a viola Canção que eu gravei num disco Eu relembro seu passado No dia onze de agosto Quando você foi criada Deu São Paulo um fino gosto Convento de São Francisco Sua oficial morada E no estilo barroco Você foi edificada Lembro de José Arouche Seu primeiro diretor E na arte do Direito Você é mestre e doutor Falo de Ademar Brotero Que foi o primeiro lente E lá no curral dos bichos Se encontrava muita gente O nemine discrepante Era o grau de bacharel Os Gerais ficou marcado Nesse ponto tão fiel Manuel Dias Toledo O tempo não esqueceu E capelo, recebeu E o Teixeira de Freitas Também foi o seu filho

Leis civis com muito brilho No edifício de taipa Que foi o velho c'onvento Franciscanos, jesuítas Do direito um l'enimento Repúblicas de estudantes De todo lugar do mundo O Ensaio Filosófico E o Ateneu profundo Da nossa independência E também abolição Seu papel foi importante Para o bem dessa nação O Julio Frank e a Bucha Acadêmicos das Arcadas Encontros Misteriosos lam até nas madrugadas Eu lembro filhos ilustres O querido Rui Barbosa E também Joaquim Nabuco Castro Alves verso e prosa O Álvares de Azevedo E o Fagundes Varela Maria Augusta Saraiva Uma mulher muito bela Viva Monteiro Lobato Viva Oswald de Andrade E o Menotti Del Picchia O Paulo Eiró, que saudade



Salve Olavo Bilac
E o José de Alencar
Pois são tantos vultos juntos
Que não dá para contar
Viva o Centro Acadêmico
De idade tem cem anos
Dia onze de agosto
A pindura tá nos planos
Salve o território livre
Piqui, piqui e meia hora
No direito de ir e vir
É que o rá-tchim-bum chora

### São Paulo Antigo, moda campeira

Caetano Erba/Cacique

Lendo um livro de um velho amigo Meu São Paulo antigo pude rever Histórias concretas, gravuras pintadas

Muito bem narradas no meu entender No Beco dos Barbas, caminho dos homens

Que hoje seu nome é "porto geral" Tamanduatei, caminho dos barcos Foi o grande marco na era imperial.

Quem viveu nos Campos Guaré Que hoje, então, é o bairro da Luz Não são fantasias que faz o poeta São coisas concretas que a história traduz A igreja da Sé com suas torres quadradas

Úma obra arrojada no estilo imperial Mil e novecentos, pois foi demolida Para ser erquida a nova catedral.

Tanque no zuniga hoje é o Paissandu Ladeira do Açú, hoje é a São João E no Martinelli mudou-se bastante Esquina importante no Café Brandão. Lá no Ouvidor, seu nome era assim Largo do Capim no tempo que foi Lugar que passavam gente da roça Charretes, carroças e carros de boi. Seresta se ouvia pela noite adentro Nas ruas do centro à luz do lampião Nasceu outro centro do lado de lá Viaduto do Chá fez a ligação Saudade ficou do velho bondinho E novo caminho aqui se implantou Os trilhos montados subterrâneo E o paulistano já tem o metrô.



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A página 31









São Paulo em prosa, verso e música

#### São Paulo Esquina do Mundo, samba pop

Assis Ângelo/Jarbas Mariz

São Paulo Ponto Chic,
Viaduto, correria, carros,
Anhangabaú, Ipiranga, Butantã,
A garoa dos nortistas
Pacaembu, Morumbi - gol!!!
Vida corinthiana,
Nos hotéis de mil estrelas,
Viva Deus, povo do Brás,
Quanta gente, quanta idade,
Da Mooca à Liberdade
São Paulo, São Paulo
São Paulo, São Paulo esquina do mundo (bis)
São Paulo, São Paulo

Dos poetas romanticamente
De Vanzolini à Inezita,
Que bonito, São Paulo
De um, de dois, de mil,
Dos poetas romanticamente
De Adoniran à Geraldo Filme,
Que bonito, São Paulo
De um, de dois, de mil
São Paulo esperança
De negro, de branco, de rico
São Paulo, São Paulo
São Paulo, São Paulo esquina do mundo (bis)
São Paulo, São Paulo de todo mundo...

#### Acorda Brasil, samba-enredo Osvaldinho da Cuíca/Serginho/Namur

No ar... Nosso grito de alerta O Bixiga desperta, a cantar Acorda Brasil É chegada a hora de mudar

São Paulo de todo mundo

Divina Luz
Dos deuses da mitologia
Clareia...
Me conduz a exaltar
Um anjo que desceu lá na favela
E hoje traz pra passarela
Um lindo sonho a realizar
Viver...
É amar a esperança
Lutar
E deixar como herança

Um mundo melhor mais feliz Educando as crianças... Do nosso País

Bate coração Bate feliz quando "ti vê" É um presente carinhoso Do saudoso poeta pra você

Quero a paz... Que a brisa beija e embalança Eu quero é mais Respeito com nossas crianças Numa sinfonia triunfal Ver o bem vencer o mal Vai-Vai feliz é carnaval





O MELHOR E
MAIOR MAILING
DE IMPRENSA
DO BRASIL!

Crie sua proposta online em www.i-maxpr.com

11 98755-0017



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A

**SAMSUNG** 







São Paulo em prosa, verso e música

#### Declaração de Amor a São Paulo, poema

Assis Ângelo

São Paulo da rapaziada do Brás.

São Paulo dos passeios, das charretes.

São Paulo dos segredos e mistérios do Pátio do Colégio e do Mosteiro de São Bento.

São Paulo das zoadas, rezas e silêncios; dos sambas é batuques dos negros forros.

São Paulo-babel de todas as cores, sotaques e culturas que se expressam nas falas e gestos.

São Paulo do Butantã e das cobras e lagartos do poeta Vanzolini.

São Paulo de Nóbrega e Anchieta; de Tibiriça e Bartira; de João Ramalho e Borba Gato...

São Paulo do Patriarca, Bom Retiro, Itaquera, Itaim.

São Paulo da Saúde, Jaquaré, Penha, Tatuapé.

São Paulo da Liberdade, Aclimação e Mooca...

São Paulo da Fiesp, Bovespa e mais-valia; do cansaço, da correria...

Ah, São Paulo! Bela e infinita... Deusa, Deus, rainha do pobre e do rico.

São Paulo do Solar da Marquesa, do Largo de São Francisco, do Masp, USP e dos mirantes a se perder de vista.

São Paulo dos heróis sem berço e dos profetas e loucos do marco zero da Sé.

São Paulo dos anjos tortos, caídos, perdidos no breu da noite.

São Paulo das trevas, cortiços e favelas.

São Paulo dos lampiões, dos bondes camarão e da garoa fina, finda.

São Paulo querreira, das entradas e bandeiras.

Ah, São Paulo!

Menina-mulher pura e pecadora, durona e conciliadora. Esfinge à frente do próprio tempo!

No teu leito de vida e morte, São Paulo, mão e contramão se chocam contra o irreal e a razão...

Palitos de aço e concreto te ferem o céu do teu pulmão, que chora poeira, óleo e carvão...

São Paulo, São Paulo...

Em ti, por ti, joões e marias se atiram às cegas na eterna luta pela vida, e ao fim e em uníssono, de todas as

formas, todos dizem:

Te amo!

#### **Habitat**

Paulo Garfunkel

Nascemos aqui, meu irmão e eu.

Fazer o quê?

Tanto Brasil pra nascer, tanto mar, tanto céu.

E a gente deu de aterrissar neste lugar: Babel.

O horizonte, um paredão.

Eu e meu irmão, só mais dois "cidadão".

Entre outros tantos irmãos e outras tantas irmãs.

Passando o bastão, nesta corrida vã.

Sob um véu de fuligem, na vertigem do Tempo.

Mas se o tempo é voraz, São Paulo é veloz. São Paulo é a cara de cada um de nós.

Avenida São João - de Pratinha, Jean e Paulo Garfunkel













São Paulo em prosa, verso e música

## Alguns autores de músicas feitas para Sampa

Jarbas Mariz nasceu na estrada, no dia 14 de março de 1952, entre Minas Gerais e Espírito Santo. Foi criado na capital paraibana, onde, em 1967, abraçou a profissão de músico.



Em 1968 formou o grupo Pedras Rolantes, que viraria Selenitas, um dos mais populares e requisitados conjuntos de baile do Nordeste, que existiu por sete anos. Em 1977, começou a gravar discos. O primeiro foi um compacto duplo. Dois anos antes, fez show histórico no Teatro Santa Rosa, de João Pessoa, ao lado de Zé Ramalho: Três Aboios Diferentes: e com o próprio Zé e outros artistas, como Lula Côrtes, gravou o mais caro (e raríssimo) disco independente da história da MPB, Paembirú. No Rio de Janeiro, cantou com o rei do ritmo, Jackson do Pandeiro, e com a rainha do forró. Anastácia.

Em 1989, e já morando na Capital de São Paulo, foi dirigido por Tom Zé e com ele passou a correr o mundo. Tem músicas gravadas por Marinês e Gilberto Gil.

Alberto Marino era paulistano da Liberdade, criado no Brás. Nasceu no dia 23 de marco de 1902 e morreu em 11 de fevereiro de 1967. Seus pais se chamavam Rosário e Carmella. Foi maestro da Sinfônica do Municipal e professor-diretor do Conservatório Dramático de São Paulo. Compôs Rapaziada do Braz na noite de 20 de novembro de 1917, para Ângela Bentivegna,

com quem contrairia matrimônio em 1924. Antes de ser gravada pelo Sexteto Bertorino Alma (anagrama de Alberto Marino) e lançada pela Brasilphone, em 1927, já integrava o repertório dos seresteiros, e por sugestão do cantor Carlos Galhardo ganharia letra de Alberto Marino Jr.. No dia 25 de janeiro de 1968, junto a uma multidão, o prefeito Faria Lima inaugurava o Viaduto Alberto Marino. Prestigiaram o evento Vicente Celestino, Gilberto Alves, Nélson Gonçalves e Demônios da Garoa. É o primeiro clássico musical sobre o Brás, o mais cantado dos paulistanos.

Paulo Vanzolini nasceu na Capital de São Paulo, no dia 25 de abril de 1924 e faleceu em 28 de abril de 2013. Seus pais eram Carlos Alberto, engenheiro civil e eletricista, professor da Escola Politécnica; e Finoco Guidici, dona de casa. Foi criança-

prodígio. Tornou-se cientista e um dos mais importantes especialistas em répteis do mundo todo. Shakespeare e Dante, que lia no original, eram seus autores de cabeceira, mais Camões e Bilac. Era PhD de Harvard, EUA, Trazia

no currículo a formação de 38 doutores. Antes de concluir o curso de Medicina na USP, em 1947, e se especializar no estudo de vertebrados, serviu o Exército (reservista de 1ª Categoria) entre 7 de junho de 1944 e 14 de novembro de 1945. Um de





# Jornalistas & Cia Edição 1.342A **SAMSUNG**







#### São Paulo em prosa, verso e música

seus livros, Tempos de Cabo, teve edição ilustrada por Aldemir Martins. Declarava-se apaixonado pela a cidade onde nasceu. Foi o criador dos clássicos Volta por Cima e Ronda, essa com versão até na Suíça. Sua obra musical cabe em quatro CDs.

Zica Bérgami nasceu em Ibitinga (SP), no dia 10 de agosto de 1913 e se criou na capital paulista: faleceu em 16 de abril de 2011. Em 1958, procurou a cantora Inezita Barroso e a ela apresentou várias músicas, entre as quais Lampião de Gás, cuja letra era comprida e foi encurtada para se transformar numa referência

musical, a partir de sua gravação. O arranjo coube ao maestro mineiro Hervê Cordovil Nesse mesmo ano, a valsa recebeu versão japonesa de Kikuo Furuno. gravada por Yoko Abe. Ganhou também o *Troféu Zeguinha de* Abreu. A partir de 1960, passou a expor desenhos e pinturas de estilo primitivista em Portugal, Itália, México, Israel e França. Em 1999, o cantor e instrumentista Filó Machado assinou a produção e direção musical do CD Zezé Freitas Interpreta Zica Bérgami. Em 2001, o mesmo Filó, mais Camila Machado e Zezé Freitas, produziria o CD Salada de Danças, no qual pode ser ouvida sua voz em

músicas até então inéditas.

Cacique e Pajé. Cacique nasceu a 25 de março de 1935, em Monte Aprazível (SP). Antes de formar dupla com Pajé, adotou os pseudônimos Peixoto e Rei do Gado. O primeiro disco que gravou foi um compacto duplo, pelo selo Centenário, em 1969. O disco trazia Violeiro Franco, chibata (gênero musical de origem indígena); A Viola e a Guitarra. cururu: Cristão Verdadeiro, moda campeira: e Aliança dos Noivos, valsinha. Em 1970, pelo selo Califórnia, gravou o primeiro LP: Tião Campeiro e Rei do Gado, produzido por

Carreirinho. O segundo LP surgiu em 1972. com João Ferreira. pela Fermata. O maior sucesso da dupla, formada originalmente em 1978, ocorreu em 1979, com o LP Patrão e Secretária (220 mil cópias vendidas). O primeiro Pajé se chamava Roque Pereira Paiva (1936-1994) e era paulista de Bofete. O atual se chama Geraldo Aparecido da Silva, também paulista de Itapuí, nascido no dia 29 de julho de 1943.

Costa Senna é cearense de Fortaleza, nascido no dia 30 de novembro de 1955. Filho de Joaquim Raimundo e Raimunda Senna da Costa, ele trocou sua cidade de origem por São Paulo em 1990, dez anos após decidir a trabalhar com cultura popular.

Nessa área tem produzido espetáculos e escrito folhetos de cordel. Atuou em peças teatrais e filmes de curta e longa metragem. Também compõe músicas, toca violão e canta. Tem CDs gravados, como Moço das Estrelas e Fábrica de UniVersos, e livros publicados, entre os quais O Doido, O Raulseixismo e Jesus Brasileiro, esse em parceria com o cordelista Marco Haurélio. revisor de textos e consultor da mais antiga e importante editora de folhetos de cordel do País. a Luzeiro. Na música, um de seus parceiros mais frequentes é Cacá Lopes. Em 2007, participou de Educar para Transformar, documentário em vídeo de Tânia Quaresma, sobre o educador pernambucano Paulo Freire.

Téo Azevedo, de batismo Teófilo de Azevedo Filho. é natural de Alto Belo, distrito de Bocaiúva (MG). Nasceu no dia 2 de julho de 1943. Antes de ficar famoso como compositor e violeiro, foi engraxate, camelô, lutador de boxe e soldado corneteiro do 12º RI na capital mineira. Começou a gravar em 1965, pela Discobel. O primeiro LP, independente, lançou no ano de 1974. O último, Guerrilheiro da Natura, duas décadas depois, pela Brasidisc. Tem músicas em discos de Zé Ramalho, Luiz Gonzaga, Sérgio Reis, Dominguinhos, Jair Rodrigues, Genival Lacerda, Banda de Pífanos de Caruaru. Cascatinha e Inhana. Pena Branca e Xavantinho, Tonico e



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A **SAMSUNG**







#### São Paulo em prosa, verso e música



Tinoco, Caju e Castanha e pelo bluesman Charles Musselwhite (Feel it in Your Heart). O poeta Carlos Drummond escreveu Viola de Bolso para seu pai, Tiófo, O Cantadô de um Braço Só. Tem publicados alguns livros, como Literatura Popular do Norte de Minas e Plantas Medicinais

Sebastião Marinho. de sobrenome Silva, é paraibano de Solânea e filho de Manoel Anulino e Damiana Marinho do Nascimento. Nasceu no dia 10 de março de 1948, e do verso se tornou profissional no dia 15 de novembro de 1968. É presidente da União dos Cantadores, Repentistas e Apologistas do

Nordeste (Ucran), entidade criada em 1988. Mora na capital paulista desde 1976. Há anos forma dupla com o pernambucano de São Bento do Una José Saturnino dos Santos, o Andorinha, com quem tem disco gravado. Andorinha participou do 2º Concurso Paulista de Literatura de Cordel, promovido em 2004 pela Companhia Paulista de Trens Metropolitanos e pelo Metrô de São Paulo, no qual classificou o folheto CPTM e Metrô, Orgulho Paulistano, que numa estrofe diz: "Quem vem a São Paulo encontra/Um transporte especial/ Os trens metropolitanos/Trafegam na Capital/Norte, Sul, Leste, Oeste/ Cobrindo a área central"

Peter Alouche é bacharel em Letras e poliglota. É o que se pode chamar de cidadão do mundo. Embora nascido no Cairo, Egito, terra dos faraós, e apesar de sua pátria cultural ser, como ele mesmo costuma dizer, "a língua francesa", a sua única e verdadeira pátria de adoção e de devoção é o Brasil. Ser engenheiro de formação e ter dedicado 35 anos de sua vida profissional à tecnologia do Metrô de São Paulo não o impediram de se aventurar nas letras brasileiras e até, pasmem, na literatura de cordel. Em 2002 participou, com o pseudônimo de Pedro Nordestino, do 1º Concurso Paulista de Literatura de Cordel, e classificou, entre

duas centenas de concorrentes de todo o País a história em sextilhas Encontro no Metrô. publicada em folheto cuja capa recebeu a assinatura do cordelista Klévisson Viana. Essa "ousadia ímpar", segundo ele, só conseguiu "graças ao amor que tanto nutre pelo povo" de nossa terra.

**Durval Souto** é instrumentista. compositor, cantor e produtor musical natural da cidade de Itaii (BA), nascido no dia 25 de fevereiro de 1954. Tinha 15 anos de idade quando se apresentou em público pela primeira vez, num circo. Morou em Salvador e Rio de Janeiro, antes de se iniciar profissionalmente na capital

paulista. Em 1973, atuou na peça O Homem em Função do Meio, de Alfredo Zonalto, dirigiu o espetáculo Música Popular do Brasil, produzido pelo Grupo Esquema Novo e apresentado nas escolas da capital por seis anos. Ainda em 1973 estreou no disco, gravando um compacto simples que trazia, de sua autoria, a canção Época de todos nós. Participou de vários festivais de música popular, até lançar o seu primeiro LP, em 1981, pela extinta gravadora Continental. Gravou ao lado de Zé Geraldo e Inezita Barroso, lançou oito discos, entre compactos, LPs e CDs. Seu último trabalho, o CD Lobisomem Americano, é de 2002.













#### São Paulo em prosa, verso e música

Osvaldinho Da Cuíca. de batismo Osvaldo Barro é paulistano do Bom Retiro, e filho de Benedicta de Almeida e Domingos Barro, Nasceu numa terça-feira de carnaval (12/2/1940). Iniciou-se nos estúdios de gravação em 1957. É o mais famoso cuiqueiro do Brasil Gravou com os maestros Peruzzi, Léo Peracchi, Chiquinho do Acordeon, George Henri, Erlon Chaves Seus instrumentos de percussão podem ser ouvidos em discos de Orlando Silva, Nélson Gonçalves, Martinho da Vila, Adoniran Barbosa, Germano Matias, Paulinho da Viola, Cartola. Zé Kétti, Ângela Maria, Clementina de Jesus. Participou da trilha do

filme Orfeu Negro, premiado em Cannes, com a Palma de Ouro. Integrou o grupo Demônios da Garoa. Fundou a Ala dos Compositores da Escola de Samba Vai Vai, em 1975. Um ano antes lançou seu LP de estreia e recebeu o título de Cidadão Samba de São Paulo, pela Secretaria de Turismo do Município.

#### Curiosidades sobre São Paulo

- Você sabia que Rapaziada do Brás, com "z" no original, foi a primeira música dedicada a um bairro da cidade e que seu autor tinha apenas 15 anos de idade quando a compôs?
- Você sabia que o autor de Rapaziada do Brás, Alberto Marino, era violinista e assinava suas obras com o anagrama Bertorino Alma, também nome de um sexteto criado por ele no início dos anos de 1920?
- Você sabia que Alberto Marino Jr. foi promotor e desembargador do Estado de São Paulo e que atuou em mais de 300 sessões do Tribunal do Júri?
- · Você sabia que Alberto Marino Jr. levou à cadeia o Bandido da Luz Vermelha e um de seus filhos, o juiz da Vara das Execuções Criminais Alberto Marino Neto, foi guem o libertou, em 2009?
- Você sabia que Paulo Vanzolini foi um zoólogo muito respeitado no mundo, com PhD em Harvard e também membro da Academia Brasileira de Ciências, desde 1963?

- Você sabia que Paulo Vanzolini foi por muitos anos diretor do Museu de Zoologia da USP, cuja biblioteca ele formou com os direitos de autor pelo samba Ronda?
- Você sabia que a cantora Laura Okumura participou do filme de suspense A Dama do Cine Xangai, cantando Ronda em japonês?
- Você sabia que Mary Buarque foi professora de piano de Inezita Barroso, a primeira cantora a gravar o samba Ronda, em 1953, no seu segundo disco de carreira?
- Você sabia que a letra do samba Trem das Onze ficou engavetada por cinco anos e quem a desengavetou a pedido do produtor Braz Baccarin foi Arnaldo Rosa, um dos fundadores do conjunto Demônios da Garoa?
- Você sabia que o rei do baião, Luiz Gonzaga, faz referência a São Paulo em cinco músicas e que até lançou um LP intitulado SP: QG do Baião, em 1971?

#### Não deixe de ouvir

Ao longo da carreira, Assis Ângelo entrevistou centenas de compositores, cantores e músicos. Para este especial, ele selecionou 18 trechos em que os entrevistados falam sobre São Paulo. Não deixe de ouvir: Alberto Marino Jr, Antenógenes Silva, Benito di Paula, Billy Blanco e De Athayde, Germano Mathias, Mário Albanese, Mário Zan, Mário Zan e Demônios da Garoa, Moraes Sarmento, Nelson Gonçalves, Osvaldinho da Cuíca, Patativa do Assaré, Paulo Vanzolini, Rielinho, Roberto Fioravanti, Roberto Lapiccirella, Silvio Caldas e Zica Bérgami.





**SAMSUNG** 







São Paulo em prosa, verso e música

## Adoniran Barbosa – O "oriundo" do povo

(reprodução da entrevista publicada na edição nº 27 da revista Homem, de novembro de 1980)

O maior sambista paulistano acaba de completar setenta anos de vida e quarenta de carreira artística, em meio a uma grande festa. Mas ele não está feliz. Seu coração tem mágoa acumulada durante os muitos anos que passou sem ver seu trabalho reconhecido.

Nóis pega, nóis peguemo, nóis ia, mas num fumo. Óianóis cá travêiz! Cês num ligue não, é assim mermo.

Ora, diacho, mas quem danado fala desta forma?



– Num sou eu não, garanto. Eu até que falo certo, quem fala errado é o povo. Só que tem um negócio: eu sou Adoniran Barbosa, o Oriundo.

Então está explicado: Adoniran Barbosa, o que



veio daqui mesmo, do povo. E não duvidem, povo verdadeiramente ele é.

 – Óia, eu fui entregador de marmita, faxinêro, tecelão, serralhêro, garção de casa de ministro e muitas outra coisa eu fiz: rádio, televisão, cinema.
 Fui calôro e cantei muitas música de Noé Rosa...
 Hoje tô muito calejado. Sou um artista apusentado.

Adoniran não é de falar muito e com pouco se enche. É esquivo, escorregadio, mas quando toma "uns mé" – uísque, de preferência – ou se avista

com amigos do tempo passado, se transforma numa torrente de palavras. Frequentemente amargo, diz de si:

- Não sinto mais emoção alguma, o que vier eu traço na maior indiferença.

Massificado pela cidade grande, que conheceu tão pequena e pacata? Sim, talvez. Apesar disso, não se fiem muito na conversa desse jovem de setent'anos, não. E uma coisa é certa: ele é incrível. Uma vez a repórter Dulce Tupy escreveu que há









## **SAMSUNG**



### São Paulo em prosa, verso e música

muitas maneiras de se anunciar Adoniran Barbosa; uma delas: senhoras e senhores, com vocês o incrível, o fantástico, o extraordinário Adoniran Barbosa... Ou então: gente, olha mais um disco do Adoniran, que loucura!... Ou assim: veterano da música popular brasileira lança mais um LP após



40 anos de carreira artística em rádio, cinema e televisão

Mas até ser considerado pela crítica como um dos maiores valores da música popular brasileira, João Rubinato – este o seu verdadeiro nome – comeu o pão que o diabo amassou. Muito cedo ele teve de lutar para sobreviver junto com mais cinco irmãos – três mulheres e três homens. A família vivia numa penúria de dar dó. O pai, italiano de Veneza, era ferroviário no Brasil. E, por isso, o pequeno João tinha de sair correndo da escola – fez até o 3º ano primário, em Jundiaí – direto à estação para ajudar o "velho", que trabalhava sem descanso.

Lembrando tudo isto, Adoniran Barbosa diz hoje: - A vida me ensinou a viver.

De vida ele fez curso e se formou.

#### A fama chega no trem das onze

Perseverante, o pequeno João alimentava a esperança de um dia ser famoso, ser artista. E nas

horas vagas, muito poucas, ele dedilhava um violão e compunha coisinhas maravilhosas assim, já nos anos 50:

"...Eu sou a lâmpida E as mulhé é as mariposa, Ficam dando vorta Em vorta de mim todas noite Só pra me beijá..."

Nessa época João – já Adoniran Barbosa – era homem feito e bastante conhecido em São Paulo. Mas no começo da carreira, ele era conhecido apenas na rua Aurora – onde morou quase dez anos – e proximidades da praça Júlio Mesquita. No mais, não passava de um ilustre cidadão comum anônimo na multidão. Até que, achando o seu nome de batismo - João Rubinato - "difícil de pegar", resolveu dar um jeito.

- Foi assim: o Luís Barbosa, cantor de samba carioca, meu amigo, vinha sempre a São Paulo e agui a gente costumava passear; o Adoniran era

um rapaz do Correio, também muito meu amigo. Aí juntei os dois nomes e ficou assim: Adoniran Barbosa.

Depois disso, a coisa mudou de figura. O pseudônimo deu certo e logo caiu na boca do povo. Quando fez a "operação nominal", por volta de 1940, ele era locutor – disc-jóquei – de rádio, mas nem por isso tão famoso quanto hoje. Adoniran ficou famoso mesmo foi quando compôs o Trem das Onze, a Saudosa Maloca, a Iracema e, com Vinicius de Moraes, Bom Dia Tristeza, no tempo em que o poeta era embaixador em Paris. Adoniran:

- Você lembra de As Mariposa? É assim: Quando chega o frio/Fica dando vorta em vorta da lâmpida/ Pra se esquentá/Elas roda, roda, roda/... Eu sou a lâmpida/E as mulhé é as mariposa... Boa noite, lâmpida/Boa noite, mariposa/Permita de oscular-lhe a sua face/Pois não, mas rápido/Daqui a pouco eles me apaga. Bunita, né?









### **SAMSUNG**



#### São Paulo em prosa, verso e música

Pela Colúmbia, Adoniran Barbosa gravou, há muitos anos, a primeira música. Título: Agora Pode Chorar, de Baiton. Sua primeira parceria: Dona Boa, uma marchinha, com Jota Emere.

Agora Pode Chorar era um samba e começava assim: Chora, choral-Quem te ensinou a chorá não foi eu/-Chora, chora purque o nosso amô morreu.

Depois dessa ele fez e assinou muitas outras parcerias: Guiomar Pafunça, O Casamento do Moacir, Prova de Carinho, Aguenta a Mão, João, Torresmo à Milanesa, etc. etc. etc..

- Com Vinicius eu só tenho um trabalho, que é Bom Dia Tristeza. E foi muito engraçado o jeito como nóis fizemo ela. Naquele tempo eu nem conhecia Vinicius, ele tava em Londres, Paris, sei lá, nem me lembro direito. O ano acho que era 56. Apôis bem, ele mandô uns verso numa carta para a sua amiga Aracy de Almeida, dizendo: pode fazer o que você quiser com estes verso. Aí ela me procurou e pediu para eu pôr música. No mesmo dia eu botei, numa hora que eu tava no Nick Bar em cumpanhia do João Maria de Abreu. Musiquei o poema e o João achou muito bom. E disse: dêxa que eu iscrevo a música na partitura. Disse e fêis. Vinicius também adorou. Bom Dia Tristeza foi gravada pela própria Aracy de Almeida, Elizeth e mais um monte de artista.

Conta-se que Vinicius de Moraes não gostava muito de Adoniran, do jeito como até hoje ainda compõe as letras de suas músicas. Mas, depois de ouvir Bom Dia Tristeza, Vinícius teria mudado de opinião chegando até a dizer: ora, ora, mas como é que pode?... Conta-se também que, ainda por causa de Adoniran, Vinícius teria dito que "São Paulo é o túmulo do samba", como se somente os cariocas fossem capazes de fazer samba. Porém essa versão é negada pelo autor de Iracema:

- Nada disso, isso é cunversa fiada. Inclusive,

quando ele me conheceu gostou muito de mim, das minhas músicas, das minhas letras. Vinícius achava o meu estilo maravilhoso, inconfundível. Formidável mesmo. Ele dizia que eu sou um grande artista... Deve ser cunversa mole, né? Mas ele falou, tá falado.

#### Um sujeito muito calejado

Adoniran Barbosa é ciente do valor da sua obra. da sua "bagagem" musical. E, talvez por isto mesmo, costuma dar pouca importância aos elogios que lhe fazem com frequência. Arredio, dificilmente aceita ir a uma festa. E quando a festa é em sua homenagem... nem fala. Meio chateado e com uma indisfarçável pontinha de mágoa, segreda:

- Quando eu precisava de homenage, de uma força, ninguém tava nem aí. Agora que eu sou cunhecido, vêm com um lenga-lenga sem fim pru lado de mim. Tô sabendo.

Faz pequena pausa. Passa alguém à nossa volta e ele cumprimenta: "ÔI". Baixa a cabeça e, indiferente, repete:

- Sou hoje um sujeito muito calejado.

Há dois meses, a direção da gravadora Odeon promoveu uma grande festa em homenagem a esse grande e magoado artista. Motivos: o lançamento do seu terceiro LP e o seu 70º aniversário de nascimento. Os amigos, cabreiros, imaginaram, como não poderia deixar de ser, que o jovem Adoniran não compareceria. Ledo engano, ele surpreendeu a todos indo à festa e tudo foi muito bonito, "só que perdi o sossego", diz, acrescentando:

- Desde o cumeço do mêis de agosto que tudo quanto é repórter de jorná, rivista, rádio e televisão tem vindo me prucurá querendo intrivista. Sabe, tô tão cansado que já num guento mais.

Ele não gosta muito de lembrar a passagem do seu 70º aniversário e nem falar de planos futuros. Diz que as coisas estão assim, assim, e quer ver como é que vão ficar. As entrevistas que tem dado, quase que diariamente, começam com ele dizendo, invariavelmente, o tanto que batalhou para chegar onde chegou.



# Jornalistas & Cia Edição 1.342A **SAMSUNG**





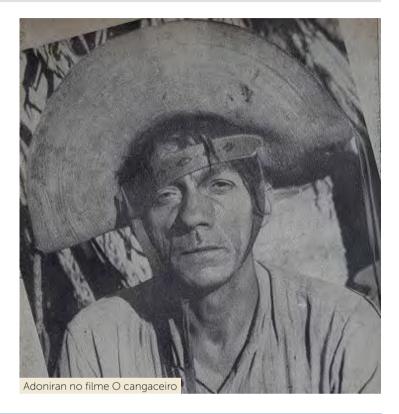


#### São Paulo em prosa, verso e música

- Meu fio, eu fiz de tudo na vida. O sucesso eu cunheço desde o tempo que eu tinha programas de rádio: Casa de sogra, O crime não compensa, História da maloca, com Charutinho. Na televisão, eu fiz quatro novelas: Mulheres de areia. Os inocentes, Xeque mate e Ovelha negra. E no cinema: O cangaceiro, Candinho, A carrocinha. Entrei no rádio como calôro, por volta de 33. Eu interpretava mais Noé Rosa, que cunheci pessoalmente mas só de passagem, de bom dia, ôi, como vai. O Charutinho que eu fazia no rádio é famoso até hoje. Criei personage de todo tipo: criôlo, italiano, francês, por aí. Mas nenhum foi inspirado em alguém: tudo criação minha.

E São Paulo de hoje, muito diferente da cidade de ontem? Ele faz um muxoxo, como se dissesse: quá, num quero nem falá!

- Hoje a minha cidade está completamente transformada, muito diferente daguela que cunheci



no cumeço do século. Nem as ruas do meu tempo num ixiste mais, é uma pena. São Paulo era uma cidade muito bonita. Hoje eu procuro São Paulo e não acho, tá tudo mudado, mudou tudo para pior. Tá tudo muito violento, tem muita gente, muito cimento, muito corre-corre, muito automove, muita buzina Deus do céul

#### Boêmio pobre, mas boêmio

Mesmo assim, Adoniran Barbosa continua sendo o cronista-sambista mor de São Paulo - cidade que, para Lourenço Diaféria, se resume numa questão de fé e "é um arroubo emocional acima de razões e certezas". Fiel a si próprio, ultimamente Adoniran tem registrado suas reminiscências nas páginas do periódico paulistano Feijão com Arroz. Além disso, ele tem procurado imortalizar os bairros da cidade que conhece tão bem como a palma da mão, através dos seus sambas. Motivo de composições já foram: Mooca, Vila Esperança – uma obra-prima –, Brás, Jaçanã, Casa Verde etc. A avenida São João, claro, o artista não poderia

esquecer jamais, como Paulo Vanzolini. E assim, ele continua indo. Aos 70 anos de idade, ainda se considera um "boêmio inveterado".

- Sou um boêmio pobre, mas boêmio; de rua, de esquina, de botequim. Pra você ter uma ideia: sou do tempo de serenata na rua. Mas na rua agora não posso mais fazer serenata com violão e tudo, como as serenata eram feita. Serenata na rua a gente fazia antes de São Paulo ficar como ficou: feia e triste. Tudo acabô, foi proibido pelas otoridade. O que se há de fazê agora?

Adoniran Barbosa lamenta também o fato de as emissoras de rádio e televisão não oferecerem mais bons programas, como antigamente. Para ele, o que se salva ainda é um Chacrinha e mesmo Os Trapalhões. O resto é o resto e nada mais se salva.

- Chico Anísio é bom, mas saiu da televisão. E o samba?
- Ah, o samba! O samba é tudo pra mim. Quando alguém me pergunta o que é que eu acho do samba, nem sei responder direito: eu sou o samba.











#### São Paulo em prosa, verso e música

Nostálgico? Não, nem um pouco.

- A única coisa de que sinto saudade é da carne, do pão bom, enfim: da boa comida de antigamente. Hoje é tudo enlatado, horrive!

E o rádio, o cinema? Garante ele que "nunca jamais" voltaria a empunhar um microfone para fazer um programa.

- Sou um artista apusentado.

De positivo, só acha uma coisa: os jornais. E explica:

- Os jorná de hoje dão muita força a nóis artista. Antigamente num era assim, não. Tão muito bom. Mas eu também num ligo muito para isso não. Num quero mais me preocupá. Quero mesmo é vivê. Eu gosto muito da vida. É pena que eu me judiei muito na minha juventude. Me maltratei mesmo, sabe como é: boêmia, noitada e mais noitada, cigarro, bibida. É, me judiei muito. Hoje cum setent'anos era pr'eu tá mais forte um pouco.

Tô forte, graças a Deus, mas era pra tá mais. Num tô arrependido, mas eu não faria tudo outra vêiz do mesmo jeito que fiz.

Se João Rubinato não tivesse conhecido o sambista carioca Luis Barbosa e o carteiro Adoniran, dificilmente existiria o artista Adoniran Barbosa. Talvez Jean Rubinê ou Giovanni Rubinato. isso porque o João estava decidido a adotar um pseudônimo. Ele brinca: "Já pensou um artista sendo chamado de João Rubinato?". Não soaria bem, é o que João achava. Mas, felizmente, surgiram Luis Barbosa e Adoniran e os dois em João estão vivendo muito bem, diga-se de passagem. Para os mais íntimos, o artista Adoniran Barbosa atende pelo apelido de "Rei da Estufa", que ganhou tempos atrás por gostar muito de pastéis, coxinhas e empadinhas que ficam expostas nas estufas dos bares. Mas, cuidado: tem que ser íntimo para chamá-lo pelo apelido.



Jornalistas&Cia é um informativo semanal produzido pela Jornalistas Editora Ltda. • Tel 11-3861-5280 • Diretor: Eduardo Ribeiro (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor executivo: Wilson Baroncelli (baroncelli@jornalistasecia.com.br) • Editor assistente: Fernando Soares (fernandosoares@jornalistasecia.com.br) • Repórter: Victor Felix (victorfelix@jornalistasecia.com.br) • Estagiária: Anna França (annafranca@jornalistasecia.com.br) • Editora regional RJ: Cristina Vaz de Carvalho, 21-2527-7808 (cvc@ jornalistasecia.com.br) • Editora regional DF: Kátia Morais, 61-98126-5903 (katia@jornalistasecia.com.br) • Diagramação e programação visual: Paulo Sant'Ana (pr-santana@ uol.com.br) • Diretor de Novos Negócios: Vinícius Ribeiro (vinicius@jornalistasecia.com.br) • Departamento Comercial: Silvio Ribeiro, 11-3861-5283 (silvio@jornalistasecia.com.br) com.br) • Assinaturas: Armando Martellotti, 11-3861-5280 (armando@jornalistasecia.com.br)